

Maria Aparecida Gomes Ferreira
Ronaldo Miranda Fialho

Nas Redes de Saberes e Histórias

Arraial do Cabo



Contra Capa

Nas Redes de Saberes e Histórias

Conserto de rede na Praia do Pontal e
Canoa Natal – Ronaldo Miranda Fialho
(doravante, RMF)



Maria Aparecida Gomes Ferreira
Ronaldo Miranda Fialho

Nas Redes de Saberes e Histórias

Arraial do Cabo

1ª Edição

2013

Nas Redes de Saberes e Histórias

Copyright © 2013 - Maria Aparecida Gomes Ferreira e Ronaldo Miranda Fialho

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/98.

Esta é uma obra independente de total mérito e responsabilidade de seu autor, produzida pela Editora UNA sob licença de seu responsável. É proibida a duplicação, reprodução ou transmissão desta obra, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na internet ou outros), sem a permissão expressa de seu responsável.

Esta obra foi revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

1ª edição – março/2013

Coordenação Editorial: Tell Coelho

Revisão: Maria Aparecida Gomes Ferreira

Editoração eletrônica: Francisca M. Santos

Capa: Ronaldo Miranda Fialho

Projeto Gráfico: Editora UNA - União Nacional de Autores

Valorizando a Cultura Nacional

Rua da Quitanda, 19/703 – Centro

Rio de Janeiro – RJ - CEP: 20011-030

E-mail: contato@editorauna.com.br

Site: <http://www.editorauna.com.br>

Em capitais e regiões metropolitanas, ligue: 4062-0660
ramal 0852. Nas demais regiões use DDD 41.

ISBN: 978-85-667-3800-1

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação direta com a editora, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.

Nem a editora nem os autores assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP (*Cataloging-in-Publication*) – Brasil – Catalogação na Publicação

Ficha catalográfica feita na editora

F383n Ferreira, Maria Aparecida Gomes

Nas Redes de Saberes e Histórias / Maria Aparecida Gomes Ferreira
e Ronaldo Miranda Fialho – 1. ed – Rio de Janeiro : UNA, 2013.

104 p ; 16x23 cm.

il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-667-3800-1

1. Linguística Aplicada. 2. Saberes populares. 3. Linguagem e Sociedade.
4. Abordagem Interdisciplinar do conhecimento. I. Título

CDD 410

CDU 81'33=134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:
Linguística Aplicada - 410

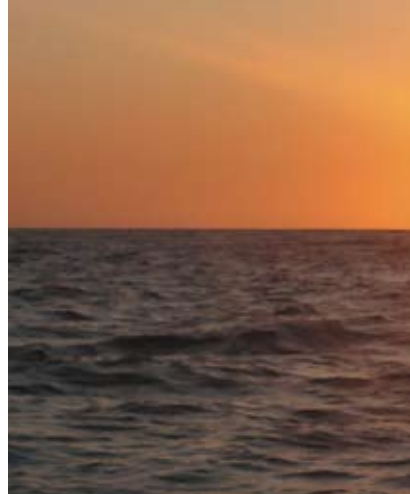


*Para meus tesouros:
Hélio, Maria D'Arc e Raphael Soares.
(Ferreira, 2013)*

*Para minha família e demais famílias cabistas,
meus amigos e mestres inspiradores.
(Fialho, 2013)*

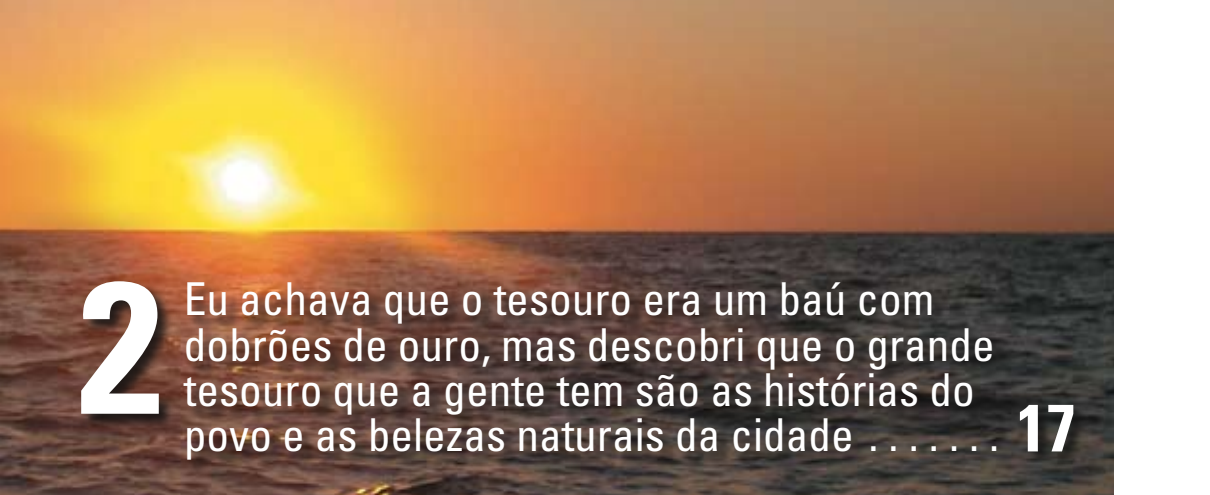


1 Por que registrar saberes de pescadores artesanais? ... 9



Sumário





2 Eu achava que o tesouro era um baú com dobrões de ouro, mas descobri que o grande tesouro que a gente tem são as histórias do povo e as belezas naturais da cidade 17

3	Índios, colonizadores e pescadores: redes de saberes de Arraial do Cabo	23
4	Pesqueiros	31
5	O arraial dos pescadores	37
	a. Pesca em ação	44
	b. Quebra de vento	47
	c. Rabo de galo	50
	d. Marés e Correntes marinhas	51
	e. Os cardumes e seu reconhecimento	55
	f. O vigia e seus sinais	59
	g. Aprendizado dos sinais e sua importância para a pesca de rede	61
	h. Agulha, anzol e rede	64
6	Histórias em alto mar	73
	a. Mas eu sempre andava preparado...	73
	b. O anequim	79
	c. E caiu uma suestada!	82
7	Refletindo sobre pescadores, seus saberes, textos e identidades	87
	Bibliografia	99





1 Por que registrar saberes de pescadores artesanais?

Não há vidas sem sentido, e não há histórias de vida sem significado. Existem apenas histórias de vida com as quais nós (ainda) não nos preocupamos e cujas revelações (incluindo aquelas de estonteante trivialidade) permanecem-nos, por essa razão, obscuras.

(Daphne Patai)

Não somente as pessoas têm história. As palavras também têm histórias. E a própria maneira de contar uma narrativa também tem sua historicidade. Palavras e histórias são contadas e recontadas, citadas e recitadas, escritas ou oralizadas de geração em geração, porque estamos sempre falando, repetindo, recordando, recitando o que alguém já nos disse ou contou. E cada vez que são recontadas ou recitadas, elas são reencantadas por novas pessoas ou narradores e são costuradas em novas histórias ou em novos contextos sociais e históricos. Nesse fazer, as palavras e histórias vão ganhando sutis nuances de novidade, de importância, de significados e usos, novas interpretações e opiniões, permitindo que tradição e criatividade possam caminhar juntas, lado a lado.

Desde que vim trabalhar em Arraial do Cabo, em 2010, como professora do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), comecei a me encantar pelas belezas da cidade, por suas histórias e pela simplicidade e simpatia de seus moradores. Conhecer a parte histórica da cidade de Arraial me fez querer conhecer mais sobre seu *habitus* e seus moradores mais antigos e, nesse aspecto, destaco os pescadores artesanais.

Britto (1999) nos lembra que Arraial é uma cidade comumente conhecida como uma aldeia de pescadores. Ser pescador é uma das mais



antigas profissões e está fortemente envolvida em muitas discussões e questões atuais, ou passadas, sobre tradição de costumes, saberes populares, preservação ambiental, patrimônio cultural e produção de conhecimentos empíricos, só para citar algumas.

A inclinação para querer ouvir (e registrar) algumas das histórias e saberes desses sujeitos sociais surgiu depois de algumas leituras que fiz sobre os pescadores de Arraial do Cabo e de conversas com alguns moradores locais, nas quais pude perceber uma forte preocupação com a *perda de saberes locais*. Se nossa existência é construída e entrelaçada nas histórias que contamos, e que são contadas sobre nós (Moita Lopes, 2002), fica evidente a importância de se conhecer as histórias de vida dos pescadores artesanais e os saberes nelas contidos para melhor compreensão da vida entremeadada pelas redes dos pescadores, ou mesmo para valorizar a voz e o saber desse profissional que, por vezes, ainda é desprestigiado.

O presente texto é um dos frutos da pesquisa realizada entre agosto de 2011 e julho de 2012, intitulada “Histórias de vidas de pescadores: memórias, identidade social e patrimônio cultural”¹, que contou com a participação e colaboração fundamental do aluno e bolsista PIBICT Ronaldo Miranda Fialho (morador da cidade desde nascença). Nessa pesquisa, pudemos entrevistar alguns pescadores artesanais² de Arraial do Cabo na intenção de criar um material impresso, a partir das histórias, experiências e saberes gravados em áudio. Durante esse processo, foram gravadas um total de 13 entrevistas e aproximadamente 27h de áudio, nos meses de dezembro de 2011, janeiro, fevereiro e maio de 2012. Nas entrevistas, pudemos observar algumas correlações entre os saberes empíricos dos pescadores e os ditos saberes formais. Acreditamos, portanto, que ao registrar histórias de vida desses pescadores em um texto escrito,

¹ Nessa pesquisa, realizamos entrevistas semiestruturadas com pescadores artesanais da cidade, orientados pela metodologia de História Oral (Alberti, 2004; Worcman e Pereira, 2006; Sant’anna, 2011). A perspectiva adotada foi a interpretativista e o objetivo fora analisar a *construção discursiva* das identidades sociais de pescadores nas histórias contadas por eles.

² A indicação de quais pescadores seriam entrevistados foi conduzida por Ronaldo, uma vez que ele, morador da cidade, conhecia bem a população local e saberia melhor escolher pescadores interessados em participar de um projeto dessa natureza. Curiosamente, os nomes pensados por Ronaldo foram sendo, ao longo das entrevistas, citados e ratificados pelos próprios entrevistados.



que exalte o valor dos seus saberes e busque correlacioná-los aos saberes formais, estaremos não somente exaltando a voz social desse pescador como também estaremos estreitando os laços entre a instituição escolar e a comunidade do entorno com seus saberes artesanais.

Para transformar esses saberes e tradição oral em um texto com registros escritos, alguns processos e cuidados são necessários. Quando um jornalista grava uma entrevista para uma matéria e depois transforma esse texto oral em texto escrito, ele retira o texto oral do seu “contexto original” e o apresenta em um novo contexto: no papel impresso. Ele faz modificações no texto oral e costura esse texto em um novo lugar – em um jornal – e em um novo formato – escrito. Ou seja, ele está descontextualizando e recontextualizando o texto que comporá o seu trabalho.

É importante lembrar que *não queremos dizer que o texto escrito é mais importante do que o texto oral*. Tanto o texto oral quanto o texto escrito têm suas características próprias e contextos de uso ou finalidades específicos. E isso não significa que um seja mais importante, formal ou melhor do que o outro. Dependendo da situação vivida, o texto oral pode ser usado em circunstâncias formais, como em uma palestra ou uma defesa no tribunal, ou informais, como em um bate-papo na lanchonete ou ao telefone, por exemplo. O mesmo vale para o texto escrito, que pode ser usado em contextos formais, como em um trabalho de pesquisa para escola ou uma carta de negócios, ou em contextos informais, como em uma lista de compras ou um *chat* na internet (Marchuschi, 2008).

Desse modo, se o texto oral tem seu uso bastante disseminado e comum nas comunidades pesqueiras (Clauzet, Ramires e Barrella, 2005; Linsker e Tassara, 2005; Silva, 2010), isso não significa que ele não possa também ser citado e costurado com outros textos escritos dentro da escola. A transformação do texto oral em texto escrito é motivada pelo fato de que a escola é historicamente marcada pela presença e uso de textos escritos³ (Bauman e Briggs, 2003; Pereira, 2010).

³ Maiores esclarecimentos serão dados sobre o processo de transformação do texto na seção 7 do presente material. Cabe adiantar, entretanto, que poucas transformações foram feitas. Foi mantido, por exemplo, o uso de algumas expressões do discurso oral como “pra” (forma sincopada da preposição “para”) e “pro” (contração de “para” com artigo “o”). Ou ainda o uso de “né”, contração de “não” e “é”, ao final de perguntas, como forma de dar ênfase.



Costurar textos, palavras e histórias, já citadas por outras pessoas, é uma das atividades mais comuns do nosso cotidiano, ainda que não percebamos isso. Quando aqui nos propomos a transformar textos orais em textos escritos e entretecer os saberes populares com os saberes formais, vislumbramos uma forma de chamar atenção para o fato de que tanto os saberes formais quanto os populares são formas válidas de conhecimento. Mais ainda desejamos destacar a possibilidade de diálogo entre esses saberes tantas vezes colocados em pontos extremos. Esse diálogo pode ser evidenciado, no texto aqui apresentado, pela “costura” de saberes populares com os formais, quando usamos a fonte de máquina de escrever para destacar os textos dos pescadores e quando apresentamos em azul, com fonte diferenciada as discussões ou explicações, que seriam os comentários envolvendo os saberes formais⁴. Esses saberes formais, entretanto, dizem respeito a diferentes áreas de conhecimento como Ecologia, Geologia e Biologia (Marinha), somente para citar algumas. Por esse motivo, enquanto professora de português/inglês e Linguista Aplicada interessada nas *relações entre linguagem e sociedade, destaco que essas discussões são breves o suficiente para ilustrar a possibilidade de diálogo, mas não exaurem as possibilidades do mesmo*. Para que essa “conversa entre saberes” fosse mais profunda, seria necessária uma equipe interdisciplinar de professores (e o presente material contou apenas comigo e meu bolsista) e mais tempo de estudo e análise sobre os áudios gravados (por conta do prazo do edital e necessidade de tempo para diagramação e impressão dos livretos, dispusemos de apenas 5 meses para organizar o presente material). Reconhecemos, assim, que a presente produção é apenas o *pontapé inicial* para essa *audaciosa tarefa*.

Nesse entretecer de saberes, procuramos ressaltar a visão e a interpretação do pescador sobre os fatos narrados, seus saberes e suas histórias. Sabemos, contudo, que, porque os textos aqui apresentados foram

⁴ Esse diálogo entre saberes é comentado com maior aprofundamento também na seção 7, onde falamos sobre a epistemologia de fronteira ou “gnose liminar” (Mignolo, 2000/2003). A maioria dos textos técnicos e acadêmicos utilizados nesse diálogo pode ser encontrada no acervo da biblioteca do *campus*. Outros foram encontrados e acessados na internet.



recortados de sequências de áudio maiores e que alterações foram feitas na sua forma, eles *não* são idênticos à interação ocorrida na entrevista (Blommaert, 2005). Mais ainda, todos os textos aqui apresentados foram construídos a várias mãos e vozes. Nenhum dos participantes buscou uma postura neutra e nossa simples iniciativa de querer ouvir e registrar essas histórias já influenciou as conversas e histórias contadas. Sobre isso, a historiadora Daphne Patai ressalta que “a existência da história oral depende da intervenção de um entrevistador que coleta (*sic*) e apresenta uma versão das histórias colhidas. Nem mesmo as histórias existem puras e imutáveis em alguma esfera externa às vicissitudes da interação humana” (Patai, 2010, p. 20). Destaco o comentário sobre “uma versão”, porque “em outro momento da vida, ou diante de outro interlocutor, é provável que surja uma história bem diferente, com ênfases diferentes” (Patai, 2010, p. 30). Portanto, *não* estamos interessados em encontrar uma “única versão”, ou uma “verdade única”, sobre as histórias ou os saberes dos pescadores, mas sim, em conhecer, ouvir, entrelaçar e costurar vozes, perspectivas e discursos de alguns pescadores de Arraial do Cabo com as vozes, discursos e interpretações da instituição escolar. Mais do que isso, o antropólogo linguístico Charles Briggs (2007, p. 562) lembra que as *entrevistas*, nas quais os textos orais são gerados, são apenas *um momento* dentro de vários “processos mais amplos que envolvem minimamente as transformações discursivas realizadas entre a proposição de uma questão de pesquisa e a publicação de seus resultados”.

Ao entretecer essas histórias e saberes em novas redes discursivas e contextos sociais, estamos “levantando” essas histórias e saberes do seu “contexto original” de produção e ecoando-as em novos contextos (Bauman e Briggs, 1990; 2003; Blommaert, 2005; Briggs, 2007), no intuito de diminuir um pouco a distância entre o saber formal e o informal. Ou seja, estamos nos engajando na história de textualização dessas narrativas e, portanto, na história dos pescadores da cidade (Blommaert, 2005, p. 47).

Além dos saberes e histórias dos pescadores, o presente material conta com fotografias que ilustram os textos. Muitas das fotografias aqui apresentadas (incluindo as fotos da capa) são de Ronaldo Miranda





Filho que já trabalha de forma autônoma como fotógrafo da cidade, criando souvenirs e também registrando e resgatando a cultura local, por meio de restauração de fotos antigas. O material conta, também, com fotos de coleções de família ou de estudiosos, que foram recuperadas ou conseguidas por Ronaldo.

Após essas considerações, quero registrar minha gratidão à Pró-Reitoria de Extensão que financiou os custos da impressão desse material, por meio de um edital de projetos do qual participei, e também aos professores, à Coordenação de Extensão e Direção Geral do *campus* que apoiaram tal iniciativa. Agradeço em especial aos professores Rafael Alexandre Rizzo, Marcelo Japiassú e Murilo Minello que, quando solicitados, me trouxeram sugestões bibliográficas da área ambiental e revisões que me ajudaram na escrita do presente texto. Agradeço também às especiais sugestões apresentadas pela Editora UNA para a versão final do presente texto, bem como pelo seu trabalho realizado. Por fim, registro, ainda,





Café com Pescadores, realizado no Auditório do campus IFRJ Arraial do Cabo em 25.01.12. Da esquerda para direita: Ronaldo, de pé, S. Joaquim Torrada, S. Reinaldo, Raphael, agachado, S. Dok, S. Darcy, S. Gamaliel, Cida, de pé.

meus sinceros agradecimentos a Ronaldo Fialho, que me apresentou aos pescadores, contribui com suas ideias, fotografias e explicações sobre muitos termos peculiares à pesca e localidade, ao meu orientando voluntário Raphael Furtado, que contribuiu com muitas ideias e reflexões, e também a S. Dok, S. Joaquim Torrada, S. Gamaliel, S. Quinca Però, S. Reinaldo e S. Darcy que foram alguns dos entrevistados que permitiram a realização desse trabalho⁵. Sem ajuda desses queridos pescadores e suas belas lições e histórias, nossa pesquisa não seria possível, nem tampouco os aprendizados que tivemos com eles. São alguns desses aprendizados que hoje desejamos compartilhar com você.

Maria Aparecida

⁵ Os nomes dos pescadores citados não foram alterados por se tratar de um projeto de pesquisa de história oral sobre narrativas de vida. Permissões para o uso de tais nomes foram recolhidas antes da pesquisa ser iniciada.





2

Eu achava que o tesouro era um baú com dobrões de ouro, mas descobri que o grande tesouro que a gente tem são as histórias do povo e as belezas naturais da cidade

Meu nome é Ronaldo Miranda Fialho e sou de uma família tradicional de Arraial do Cabo. A minha família começa com a chegada dos Martins, que é a família do meu pai e que depois se uniu à da minha mãe. A bisavó de minha mãe foi escrava de um senhor chamado Miranda – daí, o nome Morro do Miranda que existe até hoje aqui em Arraial. E minha família passou a ter esse sobrenome porque minha tataravó era escrava dele.

Desde que me conheço por gente, Arraial é uma cidade pequena onde todo mundo se conhece. É uma colônia de pesca e pescadores. Eu fui criado no meio dos pescadores e logo cedo fui tendo curiosidade sobre a pesca, sobre minha cidade e a história da minha cidade e das famílias daqui.

Eu sou uma geração pós-Álcalis⁶. Meu pai me deu educação graças ao trabalho dele na Álcalis. Ele era marítimo e trabalhava com conchas. Algumas vezes fui com ele ver como era seu trabalho. Com isso, fui me interessando pela fábrica e me formei mecânico dentro da Álcalis. Mas, infelizmente, a Álcalis foi privatizada e a esperança de todo cabista de ser funcionário da Álcalis foi diminuindo até a empresa ser extinta. E com isso o povo de Arraial saiu perdendo e eu tive que procurar outra área de trabalho. Desde 1988, então, quando eu larguei minha profis-

⁶ Segundo Pereira (2010, p. 322), a Companhia Nacional de Álcalis (CNA), que tinha por objetivo a produção de barrilha, “foi projetada em 1943 durante o Estado Novo, (...) [mas] só foi definitivamente instalada em 1960. Sua implementação não foi uma tarefa fácil, tendo sido afetada por interesses diversos, de dentro e de fora do país”.



são de mecânico, busquei me profissionalizar na fotografia e passei a ver esses registros do passado como “documentos” sobre minha família e sobre a cidade. Além disso, eu acreditava muito no turismo de Arraial e na cultura popular da cidade como fonte de renda. Então, aos poucos, as paisagens, a cultura, o folclore da cidade foram me encantando e me trazendo cada vez mais curiosidade. Por isso, eu venho produzindo esse material de fotografia há aproximadamente 25 anos.

A cidade tem apenas 26 anos de emancipação. Desde que comecei a trabalhar com fotografia, também trabalhei em vários movimentos culturais e populares, como, por exemplo, o Movimento Jovem e o Movimento Ressurgência, atuei na recriação do Centro Cultural Manoel Camargo, e cada vez mais o amor pela pesca, pela cultura e pelos saberes populares aumentava. Ainda nessa época, fui percebendo que com o tempo a gente vai perdendo esses mestres que nos ensinaram tantas coisas sobre a cidade, sobre o uso medicinal das plantas da restinga, o conhecimento natural do tempo, da meteorologia, porque toda essa experiência chega até nós através desses mestres pescadores e das rendeiras.

Então, eu me vejo como um elo entre o passado e o presente, porque muitas pessoas da minha geração não têm mais interesse pela cultura popular. Hoje em dia, as pessoas geralmente não se interessam em saber como era a vida no passado ou a história e as tradições da cidade. O trabalho que realizei nos movimentos culturais me ajudou a aprender e me interessar cada vez mais sobre esses assuntos. Por isso, hoje em dia, eu tenho tanto amigos de 80 e 90 anos, como também de 30 ou 20 anos e consigo transitar bem pela minha geração e pela mais antiga. Ao longo desses 25 anos que eu venho me engajando nesse trabalho, venho juntando um material que é bem interessante e que vem sendo buscado e utilizado em pesquisas e trabalhos das universidades.

Quando eu ainda era garoto, meu primo uma vez me falou que Arraial do Cabo era uma cidade histórica onde aconteceram muitas batalhas entre colonizadores e índios e de índios contra índios. Ele falava também que muitos piratas vinham parar aqui e naufragavam na costa. E, por esse motivo, teria um grande tesouro enterrado nessa terra. Ele me falou isto e foi embora para Amazônia há 30 anos. Como eu era criança, fiquei com essa ideia do tesouro na cabeça, porque, se eu achasse



o tal tesouro, ficaria rico! Por isso, o que acontecia é que eu mal chegava na praia, eu já saía cavando buracos para poder descobrir o baú de tesouro, imaginando que seriam dobrões de ouro e colares, iguais aos que a gente vê nos filmes de piratas. As pessoas me viam cavando buracos e não entendiam o que eu estava fazendo. Mas eu só fui descobrir o verdadeiro tesouro que meu primo tinha falado bem mais tarde, quando comecei a brincar com a máquina fotográfica. Nessa época, eu era adolescente e via na fotografia uma maneira de extravasar minhas ansiedades ou aborrecimentos. Mas eu tinha que ficar juntando moedinhas para ter dinheiro, porque as fotos tinham um custo. Era preciso revelar o filme, demorava uma semana para você ver a foto pronta e se você quisesse ampliar a foto levava mais de 15 dias.

Hoje em dia, com a tecnologia, você faz isso tudo e muito mais em 2 horas. E, naquela época, era um pouco mais difícil, porque a máquina tinha menos recursos, mas, mesmo assim, a cidade me favorecia em beleza natural. Então, eu comecei a ampliar as minhas fotos e as pessoas começaram a querer comprar. E eu percebi que com o dinheiro da venda, eu poderia pagar os custos com o filme, com a revelação e tal. Então, na fotografia, eu descobri que o grande tesouro que a gente tinha era a cidade e sua beleza natural. O tesouro eram as histórias do povo da cidade e entendi que a minha própria história estava viva. Afinal, quem é que pode chegar aqui hoje e dizer que aquele morro ali tem o nome do seu tataravô, mesmo que ele fosse um escravagista da época e minha tataravó fosse escrava dele?

Outra coisa que sempre me estimulou nesse interesse pela história e cultura de Arraial foi o interesse do meu pai em pesquisa sobre a comunidade, sobre as famílias e eu fui vendo que isso realmente tinha um grande valor. O que eu estava ouvindo, o que eu estava fotografando, o que eu estava aprendendo, mesmo sem planejamento algum, isso tudo com o tempo foi se transformando em um grande arquivo – uma parte da memória da cidade. E aí, começaram a aparecer universidades e pesquisadores interessados em conhecer a memória da cidade.

Hoje, o meu acervo é basicamente de fotografias. Mas já houve um acervo de entrevistas que ajudei a resgatar. Havia entrevistas de Cecílio Barros, trabalhos de Amena Mayall e de Anita Mureb, mas esses arqui-



vos depois de doados a uma instituição foram perdidos, infelizmente. Eu comecei a montar meu acervo de fotografias quando trabalhei no Centro Cultural. E lá fiz um painel, com fotos antigas do acervo da Álcalis, que deixou a comunidade impressionada e, a partir de então, eu comecei trabalhar também com restauração de fotografias antigas. Com o avanço da tecnologia e o trabalho de recuperação das fotografias, passei a ter, como meu objetivo, um olhar voltado para o patrimônio da cidade.

As fotos das canoas, por exemplo, que estão desaparecendo, assim como os saberes tradicionais, podiam ser o cartão postal do município. As canoas eram um registro da Mata Atlântica. Algumas canoas vinham de São João da Barra. Outras eram da Bahia. E cada canoa tinha um nome. Por exemplo, as canoas que tinham nome de *Cação* (*Cação I*, *Cação II*, *Cação III*) eram de Bico, filho de S. Alzemiros, que era um dos homens que tinha mais canoas aqui na cidade. As canoas de Bico tinham a borda azul real com cor de palha e no fundo a linha d'água preta. Então, as canoas também eram diferenciadas pelas cores com que eram pintadas. E tinha canoas com nomes religiosos também, como *Promessa*, *Boa Esperança* ou *Nova Esperança*. Tinha também uma chamada *Carvãozinho*, outra que era *Veadinha*, *Pituca*, *Venturosa*. E muitos pescadores colocavam nomes de pessoas da família, principalmente das mulheres, como forma de homenagear suas filhas ou netas, então, tinha a *Rosana*, a *Morgana*, *Magali*...

Desde a época em que comecei a trabalhar com essas questões culturais, eu pensava com meus colegas em colocar essas histórias escritas em um livro, porque já tínhamos um acervo de fotografias para ilustrar as histórias. Muitas fotos, inclusive, já estão na web sem identificação e muitas outras são fotos raras que ainda nem foram publicadas. Ter essas fotos publicadas em um livro é uma forma de manter essa memória circulando pela cidade.

O pescador gosta do meu trabalho e vê em mim alguém que quer perpetuar a nossa história. Nesse sentido, eu penso sempre no filme do Paulo Cesar Sarraceni e Mário Carneiro em 1959, baseado nas pesquisas de Dona Heloisa Alberto Torres, que virou um grande referencial da cidade.



Sobre a pesca de cerco, por exemplo, eu valorizo muito a figura do vigia e seus saberes. O vigia é o homem mais importante na pesca de cerco. É ele que enxerga o cardume e que manda o sinal para canoa. Se o vigia não for bom, ele perde o peixe e a pesca fracassa. Então, o vigia é treinado para aprender a reconhecer o cardume se aproximando da praia. O cardume, normalmente, já tem uma rota definida que o pescador conhece pela observação. Então, dependendo da maneira como o cardume se locomove, o pescador identifica a espécie de peixe. O pescador aprende a ser vigia sentado ao lado do seu pai e o vendo pescar. É um aprendizado de pai para filho. Quando o garoto ia levar o café da tarde ou da manhã para seu pai, ele ficava lá vendo o pai trabalhar. S. Quinca Però e S. Joaquim Torrada aprenderam lá no morro vendo seus pais.

Todos esses saberes e histórias são o tesouro de Arraial. Eu e meus colegas queríamos ver nosso trabalho e essas memórias fluindo pela cidade. Hoje em dia, há professores que falam da nossa história na escola. Há professores que desenvolvem pesquisa e falam sobre cultura popular, meio ambiente e pesca nas escolas. E muitos desses professores aprenderam o que hoje sabem com a gente que tinha aprendido com o pescador. Então, o professor e a escola começaram a perceber que o pescador também fazia parte da memória da cidade.

Eu voltei a estudar para fortalecer essa ligação entre escola e cultura popular e para tentar conseguir oportunidades de fazer esses saberes circularem mais pela cidade. Logo que conheci a professora Cida, percebi que tínhamos interesses em comum, e concordamos que nossa parceria seria uma excelente oportunidade de escrever uma publicação com alguns desses saberes. Passamos a nos reunir, estudar, pesquisar, gravar entrevistas e hoje temos bastante material para juntar com as fotografias que já tenho e propor uma publicação como essa.

Antes de finalizar, quero registrar meus agradecimentos a Luiz de Castro Farias, Antropólogo do Museu Nacional que atuou com Heloísa Alberto Torres. Quero também dizer que dedico este trabalho aos meus pais Reinaldo Martins Fialho, Nelia Miranda Fialho e familiares que acompanharam a longa jornada de dedicação ao trabalho de pesquisa sobre a cultura da pesca do nosso querido município. Também não posso deixar de agradecer às famílias cabistas, que sempre acreditaram



e apoiaram a minha iniciativa de preservação dos costumes e tradições dos nossos antepassados. Aos meus amigos que viveram e presenciaram vários momentos de angústia e vitórias, desses 27 anos, como “operário da cultura”. O meu muito obrigado à fotógrafa e ambientalista Anita Mureb (*in memoriam*), à gestora cultural do IBRAM Dolores Tavares Brandão (*in memoriam*), ao artista plástico Rogério Bedim e ao primo engenheiro agrônomo Romeo Rodrigues Fialho que, com suas pesquisa e ilustrações, despertou a minha vontade e sede de fotografar o ambiente em que vivemos.

Ronaldo Miranda Fialho



Vista parcial da Praia dos Anjos, na década de 40.
Foto da Coleção de Castro Maia



3 Índios, colonizadores e pescadores: redes de saberes de Arraial do Cabo

Meu nome é Reinaldo Martins Fialho. Nasci na esquina da Praça Pio X com a Praça da Independência. Antigamente, aqui no Arraial, tinha uma espécie de rixa entre os bairros da Praia dos Anjos e da Praia Grande. Um rapaz daqui da Praia Grande só podia namorar uma moça de lá da Praia dos Anjos, e vice versa, se tivesse uma amizade na família. Mas como meu pai era amigo do irmão da minha mãe, eles se casaram e ficaram aqui. Naquela época dos colonos, era comum as pessoas avisarem seus amigos e familiares para fazer suas casas perto da igreja, porque acreditavam que ali havia mais segurança. O meu pai no início morava perto da Igreja dos Remédios. E quando nos mudamos para Prainha já estavam fazendo a Igreja aqui do Sagrado Coração de Jesus.

Eu nasci em 30 de janeiro de 1930, mas papai só me registrou no dia 04 de fevereiro, porque naquela época, o pai tinha que registrar a criança dentro de 6 dias depois que ela nascia, se não, pagava multa de Cr\$ 160. Mas quase todo o povo de Arraial do Cabo tem a data de nascimento registrada errada.

Conforme eu fui crescendo, eu passei a vender pão e vendia tanto de manhã quanto de tarde. Eu escalava peixe na praia e trabalhei na fábrica de peixe que era de um português. Meu pai era mestre de embarcação, de forma que eu saía com ele algumas vezes para trabalhar em traineira. Depois, trabalhei na polícia do Rio de Janeiro por 13 anos e mais tarde fui trabalhar na Álcalis. Depois que me aposentei, fui me dedicar à história da cidade. E posso dizer que tudo que tem no Arraial



Canoa Varina e companhia de pescadores.
Foto de Luiz de Castro Farias

do Cabo tem um pedacinho de mim, desde os primeiros telefones. Os 100 primeiros telefones colocados aqui teve o meu trabalho e do doutor Hermes Barcellos. Na emancipação de Arraial do Cabo, eu fui chamado até de baluarte e tenho uma medalha de honra ao mérito ali, dada pela câmara municipal.

Eu acredito que a descoberta da cidade de Arraial do Cabo foi umas das melhores coisas que aconteceu para a cidade. Depois, a segunda melhor coisa foi a emancipação. A emancipação foi muito importante, pois hoje tudo o que nós temos aqui foi por causa da emancipação: essas obras todas que foram feitas aconteceram depois da emancipação.

Antigamente, o povo daqui só vivia mesmo da pesca. Tanto os pescadores quanto suas famílias. Nas famílias, tinha o pescador que pescava, e eles mesmos ou os parentes deles preparavam o peixe na praia, que era lavado no mar e depois era salgado. A pesca é uma atividade muito boa, mas dá pouco lucro. Na Praia Grande, devia ter umas 60 canoas, de forma que os pescadores faziam acordos de pesca durante o mês inteiro. As canoas de rede trabalhavam sempre de duas em duas. Então, tinha o primeiro lanço e o segundo lanço. A que trabalhou hoje no primeiro lanço, quando chegava o dia seguinte, ficava no segundo lanço. Então, eram duas canoas que pescavam por vez, porque, às vezes, a manta (ou o cardume) de peixe era muito grande e a canoa cercava, mas o peixe não ficava dentro da rede. E, quando ele saía, a outra canoa cercava. Tinha dia que a manta de peixe era tão grande que uma canoa fazia acordo com a outra e elas pescavam o dia inteiro.





E também acontecia o seguinte: se tinha uma canoa quebrada, ela emprestava a rede para outra canoa, e ganhava o quinhão⁷ da rede, porque tem o quinhão da rede e o quinhão da canoa. A canoa tem um quinhão e a rede tem quatro. E eles ainda tiravam um quinto da pescaria para a igreja e os pescadores ajudaram, então, a construir essa igreja, aqui, do Sagrado Coração de Jesus.

Eu me lembro de nomes de várias canoas: na Praia dos Anjos tinha o Mergulhão, tinha a Princesa, Pituca, Três Estrelas, Venturosa, Promessa, Carvão, Burro, Galileia, Belém, Natal, Bacurau, Natureza. Ali, naquela pracinha no início da cidade tem uma canoa, a Antonina, que é uma homenagem a uma canoa que era da Praia Grande.

E naquela época o pescador tinha muita prática, porque aqui não tinha nada, não tinha luz elétrica nem água encanada. Então, o pescador observava o tempo. Quando o tempo aparecia assim, muito escuro, ele sabia que vinha tempestade. Quando o céu estava cheio de nuvem, ou como aprendi na Marinha “céu pedrento é chuva ou vento”, ele sabia que algo ia acontecer. Sobre o morro ali da ilha do farol, o cabista dizia assim “cuidado quando o morro estiver com carapuça”, que são aquelas nuvens que ficam em cima do morro, porque vai dar chuva ou vento. E quando a serração está baixa, vai fazer um dia de muito sol, porque “serração baixa é sol que racha”. Isso tudo é observação que o pescador

⁷ Quinhão é a repartição do produto da pesca realizada com a rede grande (Britto, 1999, p. 110-119). Essa ideia será melhor apresentada nos relatos dos pescadores ao longo do presente texto.

faz. Até do mar a gente sabia, porque aqui é onde se mata mais lula, e a lula, assim como os outros peixes, não gosta de água fria. Então, a lula vem por perto da praia, para fugir da água fria, e vem por cima para apanhar a água quente. Quando ela vinha na água quente, o pescador pescava lula de tarrafa. Naquela época só se pescava lula de tarrafa, depois que veio o puçá, e hoje em dia já se usa o zangarejo. Então, lá em cima da pedra, eles ficavam segurando a tarrafa na mão e a cambona, que é uma luz forte que eles levavam, ficava na pedra. A lula vinha atraída pela claridade, ela vinha devagar e aí se pegava duas ou três dúzias de lula.

Isso tudo acontecia por causa da corrente astral, que vem do polo, e quem descobriu essa corrente foi Américo Vespúcio. Ele nem sabia de nada, porque ele não conhecia nada e ainda não tinha os estudos sobre o mar, mas ele descobriu essa corrente. Quando ele chegou aqui e não sabia o que ia encontrar em terra, ele não ancorava, mas ia dando nome aos acidentes geográficos. Então, eles deram nome à Enseada dos Anjos, por exemplo. A Praia do Canto da Baleia chamava-se Canto das Cavalas. O Canto Norte chamava o Canto das Casas, onde fizeram a feitoria.

Então, a colonização de Arraial do Cabo aconteceu com Américo Vespúcio, que chegou aqui no dia 10 de maio de 1503. Nesse dia, foram armadas seis naus e entregues a Gonçalo Coelho para ele fazer esse tra-



jeto. O rei de Portugal, D. Manoel, mandou catalogar trezentas léguas de terra. E eles vieram. Nisso, o rei de Portugal e o rei da Espanha, que eram muito católicos, mandavam imagens santas para acompanhar esse pessoal na viagem. Aí, mandaram, naquela época, a imagem de Nossa Senhora do Socorro, Nossa Senhora dos Navegantes, Nosso Senhor do Bonfim, e mandaram também Nossa Senhora dos Remédios.

O rei de Portugal tinha falado para Gonçalo Coelho, junto com os capitães, que procurassem andar um à vista do outro, para evitar se perder um do outro. A nau capitânia pegou um tempo, roçou em recifes e afundou. Américo Vespúcio, que vinha com outra nau próxima, apanhou 24 tripulantes. Então, Américo Vespúcio, que já estava desgarrado do grupo, foi pra Bahia e ancorou lá por dois meses e quatro dias, esperando a nau capitânia que passou para outro navio. Como a nau não apareceu, eles levantaram âncora e viajaram na direção sul.

Quando aqui chegaram, eles viram alguns pontos essenciais que temos. Aqui, entre o Pontal do Atalaia e onde eles estavam na Bahia, existem muitos obstáculos no caminho. Então, eles não podiam vir beijando a costa, porque tem laje submersa, lugares rasos, recifes e tantas outras coisas. Então, eles vieram por alto mar. A Ilha de Cabo Frio, a mais importante perto da Barra, tem 390 m de altura, acima do nível



do mar, e é vista com tempo claro a 20 milhas da costa. Nós temos aqui um grupo de ilhas, com essa ilha que os índios chamavam Abuá, junto com o morro do Atalaia, que tem 200 m de altura. Depois, o morro da Cabocla com 180 m e na Boca da Barra onde faz dois boqueirões, perto da Ilha dos Porcos, com 110 m de altura, e esse grupo é visto de 45 milhas da costa com tempo claro. Então, esse foi o local que eles escolheram para colocar o farol.

A Ilha do Arraial do Cabo está no sentido norte-sul e o morro do Atalaia está no sentido sueste-oeste. Então, quando Américo Vespúcio viu vestígio de terra, eles vieram pra cima da terra pra catalogar. Quando aqui chegaram, encontraram águas geladas, sopradas pelos ventos e por isso ele deu o nome ao local de Cabo Frio. E daqui eles saíram para catalogar essas 29 léguas de terra. Quando eles chegaram aqui, fizeram uma feitoria aqui, e daqui saíram pesquisando as terras. Andaram e catalogaram o que hoje conhecemos por Cabo Frio, porque isso tudo não deixa de ser Cabo Frio. Mas aonde eles chegaram mesmo hoje é conhecido como Arraial do Cabo.

Eles chamaram esse lugar de Cabo Frio, porque aqui na nossa costa chega uma corrente de água gelada, que vem do sul, passa pelas Malvinas, e vem estourar aqui no Arraial do Cabo. É essa corrente que, quando se choca com a costa, faz o fenômeno da ressurgência e cria os fitoplânctons e plânctons que dão alimento aos alevinos, que são os filhos dos peixes. Esses peixinhos atraem o peixe grande. Então, aqui é o local onde passa todo tipo de peixe, que vem pra desovar no norte.

Essas observações vão formando os saberes dos pescadores. Para quem trabalha na pesca, não é difícil de calcular a quantidade de peixes ou o tipo de peixe, porque vocês, por exemplo, que são pesquisadores e professores, vocês já estão acostumados a todo dia ver aquilo ali. Eu, quando pesquisava, eu tinha muita coisa. Hoje em dia, que eu parei, tem muita coisa que já esqueci. Então, o vigia que fica lá em cima, ele vê o peixe e identifica a espécie a 2 ou 3 km de distância. E o vigia sabia isso por causa da data, então, podia ser xaréu, podia ser anchova, por exemplo, mas ele reconhecia também pela forma que o cardume fazia. Se tiver mais unido, se a mancha for meio amarelada, meio escura ou clara, ele sabe que tipo de peixe que é.



Eu tenho muita alegria e satisfação de viver aqui e ser parte da história de Arraial. E cheguei a escrever algumas coisas sobre Arraial. Eu, inclusive, escrevi o hino da emancipação da cidade, ele é assim:

Arraial do Cabo, cidade histórica!
Adoramos o teu perfil!
Vives como pedra preciosa engastada,
No mais lindo litoral de nosso Brasil!
Povo alegre e hospitaleiro,
Junto deste mar da cor de anil.
Lutamos com dignidade pela nossa emancipação!
Para o bem do nosso povo e a felicidade da nossa comissão!
O pôr do sol, que raridade!
A Praia Grande a perder de vista!
Tuas costas escarpadas
A restinga é beleza mista!
O teu cenário assemelha-se a um lindo quadro
Pintado pela mão do artista
Tuas salinas, tua pesca,
A Lagoa de Araruama e a natureza,
Que beleza!
As tuas praias oferecem muito mais!...
Os turistas, que já te conheceram,
Não esquecerão jamais!
La-ra-la-ra-la-ra-la-ra-la-ra-lá!

Reinaldo Martins Fialho
(Entrevista no dia 18.01.12)





Pesqueiros

4



Pesqueiros são locais frequentados por pescadores e que são considerados apropriados para determinados tipos de pesca. Em cada pesqueiro podem ser encontradas determinadas espécies de peixes. Esse tipo de conhecimento também faz parte dos saberes dos pescadores artesanais. Muitos nomes de pesqueiros de Arraial do Cabo foram dados pelos próprios pescadores e vêm sendo transmitidos de geração a geração. Cada pesqueiro tem em seu nome uma história própria. Uma vez que não conseguimos recuperar a motivação para todos os nomes, nesse momento, não abordaremos as histórias que deram origem aos nomes, mas apenas a listagem desses locais, até porque muitos deles serão citados ao longo das histórias e textos aqui apresentados. Os pesqueiros aqui listados foram citados por S. Dok em duas das entrevistas feitas com ele e pode ser que não totalizem todos os pesqueiros existentes. Após a listagem, encontra-se um mapa com alguns desses pesqueiros apontados para melhor visualização.

Costão do Morro do Atalaia

- | | | |
|------------------------------|----------------------------|------------------------|
| 1. Canto da Praia Grande | 8. Furna Grande | 15. Radar da Marinha |
| 2. Pesqueiro de Lula | 9. Laje do Cavalo | 16. Pedra dos Ar Lins |
| 3. Ponta da Cabeça | 10. Ponta dos Olhos de Boi | 17. Furna das Mulheres |
| 4. Saquinho | 11. Pedra Preta | 18. Pedra do Raio |
| 5. Tabuleiro | 12. Pedrão do Capim | 19. Furna do Soldado |
| 6. Furna Pequena | 13. Praia Brava | 20. Boqueirão |
| 7. Os Praiados da Roça Velha | 14. Buraco da Foca | |

Continua



**Costão da Ilha do Farol
(Do Boqueirão do Sul em direção à Ponta do Focinho)**

21. Ponta de Deus	27. Quirica	34. Gedió
22. Racha de Nossa Senhora	28. Cachorrinha	35. Ponta da Carinha
23. Valente	29. Bufador Pequeno	36. Saco das Camarinhas
24. Saco do Valente	30. Saco do Inglês	37. Pedra do Urubu
25. Saco das Gaivotas	31. Gruta Azul	38. Pinga – Pinga
26. Pedra das Gaivotas	32. Tambaquista	39. 1º, 2º e 3º Poita da Ponta do Focinho
	33. Bufador	

Da Ponta do Focinho em direção ao Ilhote

40. Parede de Fora	44. Ponta da Barriquinha	48. Saco da Pedra Miúda
41. Saco do Neve	45. Saco do Capanema	49. Oratório
42. Laje do Neve	46. Arrependido	50. Ilhote
43. Ponta do Anselmo	47. Ponta do Furo	

Do Ilhote em direção à Ponta de Leste

51. Buraco do Boi	54. Ponta do Meio
52. Saco Grande	55. Saco da Cachorrinha
53. Saco Preto ou da Cisterna	56. Saco do Ferreira
	57. Ponta de Leste

Ponta de Leste em direção à Ponta do Guriri

58. Ponta do Anequim	61. Pedra do Chapéu	64. Saco das Abóboras
59. Escadinha	62. Pedra do Raio	65. Ponta do Guriri
60. Pedra da Ferrugem – Pedra Vermelha	63. Maramutá	

Ponta do Guriri em direção ao Boqueirão do Sul (dentro)

66. Canto da Figueira	69. Pedra Lisa	71. Cavalo
67. Cais da Ilha	70. Bem-Te-Vi	72. Ponta do Sargo
68. Saltador		

Boqueirão do Sul em direção à Praia dos Anjos (Morro do Atalaia)

73. Lajinha do Boqueirão (Estouro)	76. Saco do Veado (Saco do Gato)	79. Pedra Lisa (Pedra do Vigia)
74. As Prainhas (Canto Grande e Canto Pequeno)	77. Ponta do Caramuru	80. Canto das Cavalas (Canto da Baleia)
75. Buraco do Robalo	78. Os Correios	

Praia dos Anjos em direção à Ponta d'Água

81. Fortaleza	83. Saco das Graçainhas
82. Praia do Forno	84. Ponta d'Água



Ponta d'Água em direção à Ponta Prainha		
85. Saco dos Cardeiros	86. Saco Cherne	87. Ponta da Prainha
Ponta da Prainha em direção à Ponta do Gabriel		
88. Saco da Cotia	91. Prainha	94. Ponta do Meio
89. Praia da Graçainha	92. Canto Grande	95. Ponta do Gabriel
90. Canto Pequeno	93. Ponta do Sururu	
Ponta do Gabriel em direção à Lagoa de Beber		
96. Saco da Baleia	97. Ponta da Baleia	98. Lagoa de Beber

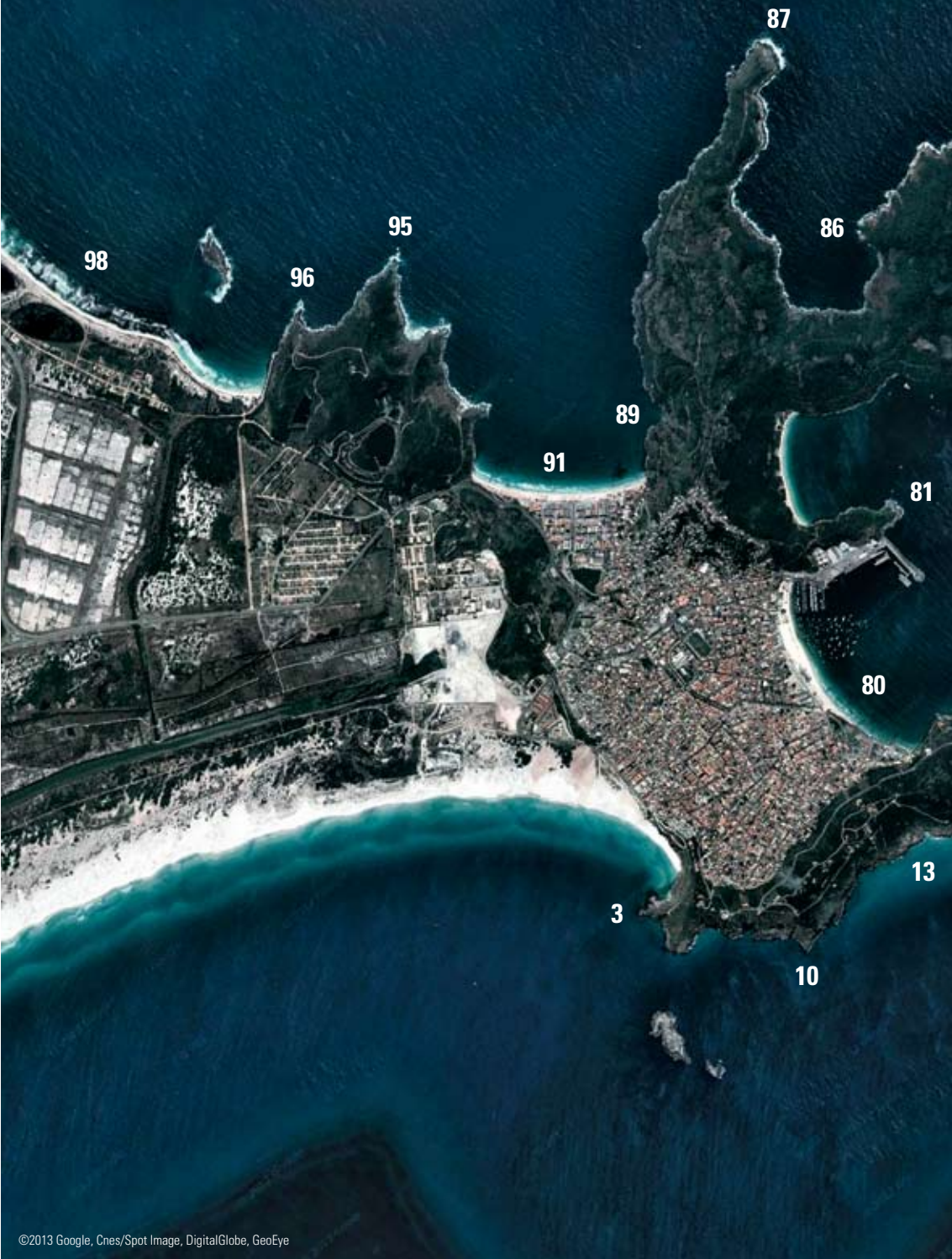
Mas isso que vocês estão fazendo é muito importante, porque amanhã ou depois eu não vou estar aqui. Mas a senhora está em evolução. A senhora vai estar aqui e vai mostrar “olha quem foram os nativos! Eu conversei com eles! Eles me mostraram que lugar é esse aqui”. Porque da geração do meu filho pra cá, eles não sabem a história do Arraial. O que eu alcancei e passei, eles não passaram. Então, ter uma pessoa que vai mostrar pra essa geração de agora como era antigamente é bom porque vai deixar eles abismados e perguntar “poxa, mas o Cabo era assim?”. Eu vou fazer uma comparação: o que os escravos passaram nós não vimos, só eles mesmo que sabiam. Agora nós podemos conhecer o cordel dos escravos, o que eles padeceram, o que sofreram, foi a classe que mais sofreu e a gente não sabe. Então, os filhos da nossa geração não sabem o que eu passei, mas a senhora está apanhando isso enquanto ainda está em tempo. A senhora está fazendo uma colheita, porque eu não entendo muito não, mas eu tenho o dom, uma prática que Deus me deu, dos meus pensamentos e vocês que são professores estão muito certos de fazer essa colheita e de aproveitar enquanto é tempo⁸...

(Entrevista com S. Dok, no dia 26.01.12)

⁸ Sobre essa singela fala de Dok, que me emocionou no dia da entrevista, alguns esclarecimentos devem ser feitos. Dok, sabendo que sou professora e os motivos dele ser entrevistado, constrói minha identidade discursivamente como alguém que, por ter estado em contato direto com os pescadores tradicionais da cidade, seria capaz de reverberar a “realidade do passado” ou a “história tal qual ela aconteceu” para as gerações futuras, como se existisse uma “única versão” dessa história a ser revelada. Conforme apontado na seção 1, não é essa a perspectiva aqui adotada por nós. Entendemos que todas as histórias, os saberes e os valores presentes nas falas dos pescadores aqui citados (assim como no meu texto e no de Ronaldo) são perspectivas de um momento sócio-histórico mais amplo e de relações sociais mais complexas. Os textos aqui presentes são fragmentos/perspectivas que compõem a história da cidade, mas não a encerram (Alberti, 2004). O mesmo pode ser dito sobre a interpretação e os comentários aqui apresentados, uma vez que esses são apenas *uma possibilidade* construída em diálogo com as perspectivas que adoto enquanto pesquisadora (Briggs, 2007).



Localização de alguns pesqueiros





Companha da Canoa Princesa
recolhendo a rede - RMF



5

O arraial dos pescadores

Deus dá o frio de acordo com a roupa. É assim que diz o ditado. Nossas casas eram de estuque. Quando a gente ia fazer a casa, primeiro, a gente ia pro morro, cortar varas para levantar por dentro e por fora, amarrar o cipó e colocava a massa. A massa não era feita de cimento. Sabe do que era feita a massa? Era de barro. A gente ia no barreiro, pegava uma fartura de barro, e depois levava para embarrear. E a gente não usava enxada, não! A gente usava a mão. E aí, a gente fazia um mutirão, juntava quatro ou cinco pessoas para fazer a massa. Quando estava tudo bem amassado a gente ia embarrear⁹. Ficavam três pessoas por fora e três por dentro. Aí, apanhava aquele bolo de barro com a mão e “pá”, tacava nas varas e, então, alisava com a mão. Eu sei que formava uma casa aqui e depois botava a palha de sapê. Choviiiiiii e não molhava nada! E só depois de muito tempo é que caía, mas a gente botava no lugar. A casa era sequinha e o chão era de barro. Não era igual hoje em dia, não. Hoje em dia, a gente faz a casa com laje e chove dentro da casa, a casa fica caindo, desabando. Mas, naquele tempo, a gente fazia a casa de estuque e ela ficava ali, firme, e o mourão eram as colunas de madeira. Por isso que digo: Deus dá o frio de acordo com a roupa. Deus sabia a necessidade de fazer aquilo para ter durabilidade. A casa ficava firme, era tudo de madeira e ninguém se molhava. Porque tinha tempo e vento! Mas não derrubava e não caía uma goteira.

(Entrevista com S. Dok, no dia 13.01.12)

⁹ Embarrear: o mesmo que embarrar; cobrir com barro, emboçar; rebocar.



Antigamente, a gente não tinha nada. A casa em que a gente morava era uma casinha de sapê¹⁰, embarreada de barro. E quando dava aquele tempo do sudoeste, aquele barro todo descia. A chuva batia, o barro caía tudo e vinha aquilo tudo abaixo. Ficava só nas varas. Sabe o que a gente fazia? A gente apanhava aquelas esteiras velhas e botava do lado de fora para não entrar vento dentro de casa, até estiar o tempo e a gente embarrear de novo. Aí, a gente ia lá no barreiro, apanhava o barro, trazia nas costas e nos sacos, fazia aquela massa, embarreava a casa e aí ficava todo mundo quietinho. A gente passava como Deus queria. Tinha dia que almoçava e não jantava. Tinha dia que a gente jantava e não almoçava. Mas todo mundo era forte. A gente bebia água da cacimba e trazia água para beber em casa. A gente ia nos poços, apanhava água lá e nunca tivemos nada de doença. Hoje em dia, é a água de rua e está todo mundo doente.

(Entrevista com S. Joaquim Torrada, no dia 12.01.12)



Praia dos Anjos - Pesca de xaréu, na década de 40.
Foto de álbum de família de Nilza de Miranda e
Júlio de Miranda Lopes

¹⁰ Casas de estuque são casas de pau a pique, cujos telhados são feitos de sapê. Por isso, Dok fala em casa de estuque e Joaquim Torrada fala em casa de sapê. Mas eles se referem à mesma construção. O fato de umas poderem ser mais resistentes ao vento do que outras dependia da localização da casa e da direção e força dos ventos em cada parte da cidade.



Então, meu pai fez essa casa aqui e todo mundo pensava que ele era o tal, sabe? Mas ele era pobre também. Nós moramos lá no Rio de Janeiro, no Charita, e depois viemos morar nessa casa. Naquele tempo, era fogão à lenha. Quando meu pai estava desembarcado, ele apanhava mourão para fazer cerca, e também usava para rachar e fazer lenha. Ele vendia lenha, pra gente ter o que comer também. Às vezes, a gente passava necessidade, e ele ia muitas vezes tirar lenha lá no morro, pra rachar, pra depois vender na padaria e ter dinheiro pro nosso sustento. Minha mãe também aproveitava oportunidades. Naquele tempo, o ferro de passar roupa era maxambomba. A panela também era de ferro. E para passar roupa, a gente botava o maxambomba no braseiro pra passar roupa. E então, quando enchia o fogão de lenha, a minha mãe dava aquele suspiro fundo e dizia “ai, meu Deus, agora pode chover porque eu estou com meu fogão cheio de lenha”. Então, a gente passava essas necessidades. E tinha também uma canoinha aqui pequena pra pescar. E meu tio ia pegar a gente cedinho pra ir pescar aí fora, apanhar peixinho pequeno, tipo mirasol (ou olho de cão), e a gente saía pra pescar, pra trazer pra gente comer, também trazia uma banhazinha pra fazer o nosso almoço. Mas, naquele tempo, a gente nem trazia nada em quilo, como é hoje em dia, que a gente compra uma cesta básica. Naquele tempo, era 200 g de arroz, 100 g de banha, 1/2 quilo de açúcar. Naquele tempo, era assim. E a gente dava graças. Mas a gente vivia bem, porque era um tempo de respeito e porque a gente comia muita coisa boa.



Ferro de engomar maxambomba

(Entrevista com S. Dok, no dia 26.01.12)

Onô salgou muito peixe e gelou muita coisa! E tinha as salgadeiras, né? A mulher de Zeca Bernardo, Margarida, era uma porção de salgadeiras e de senhoras, Walmira, minha mãe, Tereza, Erodias, todas elas salgavam peixe. Elas levavam aquele pedacinho de pau, ou então um banquinho, sentavam, botavam aquela saia grandona debaixo dos pés, botava o Xaréu ali, salgava por detrás do peixe e o pescador empilhava depois. Aí, levava três ou quatro dias,



tirava dali, socava o sal e botava no jacá pra vender. As mulheres ajudavam em muita coisa. O peixe só era salgado pelas mulheres. Elas faziam renda, faziam uma porção de coisinhas em casa, buscavam água na cacimba¹¹, iam na restinga ou iam no morro e vinham com aquele cesto de lenha nas costas, lavavam roupa na mão ou no punho, ensaboava, rebatia, enxaguava e botava no sol pra secar. Naquele tempo, a mulher passava a roupa a ferro, com o maxambomba de ferro. Só tinha um lugar de madeira onde a mulher segurava o ferro pesado.

(Entrevista com S. Joaquim Torrada, no dia 12.01.12)



Mulheres pegando água na cacimba na Praia Grande, em 1953. Foto de Luiz de Castro Farias

¹¹ Cacimba: buraco que se cava até encontrar água; poço de água potável.



Naquele tempo, a mulher também trabalhava, salgava peixe na praia e carregava água. Naquela época, a Prainha era deserta. Só tinha paiol. Não era essa beleza que está aí hoje em dia, não. Então, na descida da Prainha tinha o paiol do S. Manoel Tosta. Dali até no canto, era paiol de peixe. E então, a gente matava peixe e as nossas mães iam salgar. As salgadeiras lavavam, escalavam, salgavam de novo e depois vinham as tropas de burro daqui mesmo e levavam no cesto de jacá no lombo do burro até lá em baixo. Eles andavam por três, quatro dias, vendendo por lá, e depois vinham pra trazer o dinheiro pra pagar o pescador. Mas o pescado saía daqui só no lombo do burro.

A gente tirava madeira do morro, pra acender o fogo, porque a gente não tinha carvão. Quando chegou o carvão aqui foi uma novidade! E veio também o abanador. Depois do abanador, veio o querosene. Mas ter um fogão a querosene era luxo! E não tinha luz elétrica, não! Era tudo a lamparina e lampião. E o povo ia apanhar água lá em baixo e a gente ia tudo no escuro. Olha como era a prática, porque na Prainha não tinha cacimba, não! A gente ia apanhar água lá em Catuta. E a gente ia lá apanhar água pra gente se manter, pra cozinhar e pra lavar.

E naquele tempo não tinha mobília, não! Era só a cristaleira e o resto era na esteira. Era aquela esteira que você botava no chão pra todo mundo comer. E não tinha arroz todo dia, não! Quando tinha, e uma pessoa vinha, dizia assim: “ih, hoje vai ter festa, vai?”. Mas o resto era feijão puro, com farinha e pirão de peixe. Quando o almoço estava pronto, a nossa mãe botava a esteira e, então, apanhava a panela todinha e botava do

Cesteiro carregando cipó com casa de pau a pique ao fundo.
Foto de Anita Mureb



lado dela, e nós ao redor. Ela sentava na cabeceira da mesa e o primeiro prato era do meu pai. Ele ficava na cabeceira e nós, tudo ao redor. E depois ela servia do mais velho para o mais moço. E ele perguntava “quer mais meu filho?”. A gente queria e nossa mãe botava mais um pouco. E naquele tempo era difícil você comer com garfo, a gente comia era na mão. Então, a gente comia feijão, fubá, carne seca... E a gente fazia uns bolinhos com a mão que a gente chamava “bolo de feijão”, mas também tinha gente que chamava de “capitão”. Parece que era o princípio do mundo ainda! Mas era gostoso! Era bom pra chuchu! E é por isso que eu estou aqui, com 82 anos, graças a Deus, por causa do pirão de peixe e da sopa de peixe.

(Entrevista com S. Dok, no dia 13.01.12)

Antigamente, no Arraial, a coisa era tão boa que não tinha luz nem água. A luz veio depois com a Álcalis. A gente carregava água na cabeça, sabe de onde? Lá do Tupi. Ali tinha uma casa, chamada casa de Catuta e o poço de Catuta. Então, a gente ainda era jovem e estava na sombra do nosso pai. Eu e meu irmão, a gente era “garotão”. Então, nossa mãe dizia assim “S. Dok”, ela não me chamava por Dok, não, era S. Dok, e eu dizia “senhora, mãe”. O carregador é um pau, e aí, ela dizia assim “ó, vai lá em poço de Catuta encher esses dois latões de 20 litros pra encher de água aqui” e a gente apanhava o carregador. Era uma lata pra gente trazer no ombro, eu e meu irmão. E a gente ia e trazia pra nossa mãe cozinhar. Pra lavar, tinha aqueles poços aqui, não tem aquele transformador ali? Então, ali era um poço do recanto. E a lagoa tomava conta de tudo. Não tem esse prédio aqui, o bolo de noiva? A lagoa era dali até lá embaixo nos prédios. E lá nos prédios, era duna de areia. A lagoa terminava ali. Era água cristalina, clarinha. Aí, depois com o movimento, foi aterrando e ficou essa água suja. Mas era uma água boa. Às vezes, a lagoa secava e a gente passava daqui pra Prainha a pé. Quando chovia, ela enchia de novo. E era água clarinha. Tinha jacaré na lagoa e meu sobrinho já até apanhou um robalo de 15 quilos, uma vez. Tinha parati também. Então, essa lagoa era comprida. E lá naquele morro da Prainha, era tudo mata virgem. E lá tinha criador de gado, porque o gado também adivinha o tempo, sabe? Todos os animais adivinham a situação do tempo, do vento que vai cair e da chuva.

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)

Rendeiras de Arraial do Cabo:

1. D. Nair (RMF);
2. D. Dondoca*;
3. D. Emília*;
4. D. Castorina*;
5. D. Otília;
6. D. Táqui*;
7. D. Catarina*;
8. D. Irene*;
9. D. Possidônia*.

*Fotos de Anita Mureb; foto 5 de autor desconhecido





Naquela época não tinha água encanada, não! E também não tinha luz! Era tudo na lamparina. A nossa mãe fazia a comida com a luz da lamparinazinha na mesa. E naquela época era tão bom que se um pescador que fosse na praia esquecesse o tamanco lá, porque naquela época não era tênis, nem sapato, era tamanco, eles diziam assim “esse tamanco é de fulano!” e traziam em casa. Os pescadores conheciam quem estava andando na sua frente pelo rastro. Então, um pescador da Praia Grande, quando saía de casa, tomava aquele cafezinho gostoso feito à lenha e aí chegava na praia, olhava na areia e dizia assim “ih, fulano está na minha frente” e podia chegar lá que ele estava lá mesmo. E se reconhecia pelo rastro.

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)

a. Pesca em ação

Pela simples conversa com pescadores ou observação do seu trabalho, é fácil verificar que diversas são as modalidades de pesca existentes nas comunidades costeiras, cada qual com seu tipo de embarcação, instrumentos e técnicas específicas. De acordo com Rosyan Britto (1999), uma antropóloga que realizou um extenso estudo sobre os pescadores em Arraial, as modalidades comuns à cidade de Arraial do Cabo seriam:

a. Pescaria de rede: com uso de redes de arrasto de praia e que podem ser ou rede grande ou redinha, e embarcações a remo (canoa). A pescaria de rede pode ser subdividida em três tipos: 1) pescaria de cerco; 2) lanço à fortuna; 3) pescaria de gancho. Nesses três, sempre ocorre o lançamento da rede ao mar seguido do cerco do cardume, mas, entre eles, a pesca de cerco é a mais realizada.

b. Pescaria de linha: com uso de linha de mão e anzol e podem acontecer nas pedras, em canoas ou em botes (motorizados);

c. Pescarias que podem ser realizadas com rede de armar, em canoas ou botes motorizados; com puçá e tarrafa “que são praticadas nas encostas dos morros e à margem da enseada” (Britto, 1999, p. 55)

Além das diferentes modalidades, é bom lembrar que a pesca em Arraial do Cabo seguia uma organização espacial-temporal denominada “corrida das canoas” (Britto, 1999, p. 178). Essa corrida envolvia um rodízio sistemático de oportunidade para as canoas pescarem. De 21 em 21 dias, um par de canoas saía para pescar e todos já sabiam, portanto, o seu dia de pescar.



Sobre o dia das canoas era assim. Hoje é dia da sua canoa, então, só você que pode pescar e ninguém mais podia se meter naquele dia. Antigamente, eram 51 canoas. Então, cada canoa pescava de 21 em 21 dias. A canoa que pescava hoje, só ia pescar de novo daqui a 21 dias e, quando voltasse o dia dela, ninguém mais poderia se meter no mar. Você podia colocar uma canoa só ou duas. E ninguém se metia, porque tinha nove pescadores de uma canoa e nove de outra. E se pescava em todas as praias. Você podia pescar aqui na Praia Grande, na Praia dos Anjos, ou no Pontal ou na Prainha. Dependia do dia em que você podia pescar naquela praia. Então, se hoje, você cabia aqui e cabia na Ilha, você ficava aqui e mandava pra Ilha outro pescador no seu lugar, pra não ficar com falta, né? Mas você precisava ter canoa naquela praia. Se não tivesse canoa, a rede sozinha não pescava. Só pescavam se tivessem a canoa. Era tudo assim, muito bem organizado. E era tudo amigo, igual é hoje. Pescador é tudo amigo um do outro. Mas, naquele tempo, a vida ainda era muito melhor.

(Entrevista com S. Joaquim Torrada, no dia 12.01.12)

Dialogando com citações de Quinca Perú e Joaquim Torrada, na página 55, sobre o trabalho do vigia, Britto (1999, p. 90) fala em seu livro que a companha é a maneira como os pescadores de Arraial se organizam para fazer a pescaria com rede grande e é composta geralmente por nove pessoas, com funções bastante distintas: vigia, mestre, chumbereiro, corticeiro, proeiro, meeiro, reeiro, contrarré e cabeiro. Dessas funções, duas são realizadas na terra: o vigia e o cabeiro. A função do vigia costuma ser considerada a mais alta, pois é dele a responsabilidade de mando de sinais para realização do cerco e, portanto, do sucesso (ou não) da pescaria.

Depois de realizada a pescaria de rede, conforme Joaquim Torrada fala a seguir, há a partilha do produto da pescaria, onde cada parte é denominada quinhão (Britto, 1999, p. 115). Em uma pesca com nove homens, haveria, então, 9 quinhões distribuídos aos pescadores, mais 1 quinhão para o dono da canoa e 4 quinhões para a rede. Os pescadores citam, ainda, outras doações feitas a viúvas ou à igreja, por exemplo.





Puxada de rede na Praia Grande - RMF

Para fazer a divisão do quinhão é assim: você tem três, quatro ou cinco mil reais, né? Então, você vai ver quantas canoas têm na companhia e vai dividir entre elas. Quando são duas canoas, você vai dividir metade do dinheiro pra uma canoa e metade pra outra, então, 15 quinhão pra uma e 15, pra outra. São 10 quinhão pros camaradas e 5 pra rede. Quando tinha gente doente, a gente dividia por 16, porque a gente dava o quinhão certinho do doente. Até pras viúvas a gente dava. Então, o sujeito morreu e a gente tinha aquela consideração, aí, a gente dava o quinhão pra viúva. Então, tinha dia que dava 16, 17 quinhão, mas o de verdade mesmo é 15.

(Entrevista com S. Joaquim Torrada, no dia 12.01.12)

b. Quebra de vento

A pesca não envolve somente conhecimentos sobre embarcações, peixes e instrumentos de pesca. É necessário saber também muitas informações sobre a natureza e o ambiente. Tais saberes são fruto da observação e aprendizado contínuos no mar (Linsker e Tassara, 2005). Um desses saberes diz respeito aos ventos.

De acordo com Torres e Machado (2011, p. 45), “o vento é o movimento do ar em relação à superfície terrestre, movimento esse que se processa tanto no sentido horizontal como no sentido vertical. (...) o vento é geração de gradientes de pressão atmosférica, ou seja, é gerado em virtude da existência de pressões diferentes”. Ainda segundo os autores, o direcionamento dos ventos também é influenciado pelo movimento de rotação da Terra, pelo atrito com a superfície terrestre ou mesmo pela temperatura local. Com o aumento da temperatura e do calor, o ar aquecido fica mais leve e se eleva, dando lugar a outro ar geralmente mais frio. Esse movimento de ascensão da massa de ar quente e deslocamento de massa de ar frio é um exemplo de direcionamento do vento (Torres e Machado, 2011).

Para Britto (1999, p. 84), “o sentido e a intensidade dos ventos são fatores decisivos para a formação das moções que caracterizam as condições favoráveis à captura das diversas espécies de peixe”. É claro que a constatação sobre a direção do vento ser boa ou ruim depende diretamente do local (praia) onde se está. Britto, por exemplo, fala de algumas características a partir da localização do pescador na Praia Grande. A seguir, algumas dessas características:

- a. “Ventos de Fora” (S/SO), dos quais se destaca o Sudoeste que é muito responsável pela boa pescaria no verão, já que esquenta a água e favorece as moções na Praia Grande.



- b. “Ventos de Dentro” (N/NE), dentre os quais se destaca o nordeste que “amansa a água” e desfavorece a pescaria na Praia Grande.
- c. “Ventos de cima” (VSE), responsáveis pela chegada da chuva, esfriamento da água e calmaria no mar. É um vento que “mexe com as correntes” (Britto, 1999, p. 85).
- d. “Ventos de Baixo” (O/NO), dentre os quais se destaca o Noroeste, também conhecido como vento de terra, porque permite visualizar a linha do horizonte. É, contudo, um vento perigoso, porque leva a embarcação para fora.



E a gente conhece até adivinhação de tempo também! Não é que eu saiba mais do que ninguém, não, mas eu tenho experiência desde novo, né? Então, o tempo é o seguinte: eu sempre acostumei a pescar olhando pros astros. Até uma estrela quando se desloca de um lugar pro outro, eu estou vendo. Então, eu mato o peixe, mas eu estou olhando por baixo pra ver se está se formando uma barra de vento¹² lá em baixo. Aí, eu tomo conta daquela barra de vento: ela pode voltar e pode suspender, porque o vento indica se vai acalmar, ou se vai ter uma quebra de vento, se vai ter briga de vento¹³ e eu estou sempre

¹² Barra de vento: formação de nuvens geralmente avistada de longe e que é motivada pelo vento.

¹³ Briga de vento: Arraial é uma “quina continental” na América do Sul com influências de correntes marinhas vindas do sul, da Antártida, correntes do norte, entre outras, que podem ser nacionais ou internacionais. Junto do movimento dessas correntes, há a possibilidade de entrada das tempestades, ocasionadas por ventos. A briga de vento acontece quando vai ocorrer alguma mudança de vento e de tempo. Ou seja, o vento predominante quer se manter (por exemplo, o nordeste), mas o vento contrário que chega (o sudoeste), quer entrar. Essa briga pode durar dias até definir qual vento será o predominante ou pode ser decidida abruptamente.



olhando. E, geralmente, é difícil falhar. Então, eu estou matando peixe, conversando, olhando pros astros, aí, quando eu manjo que a nuvem vem se suspendendo demais, eu digo logo “ó, é melhor a gente tratar de ir embora, porque vem vento aí”. Às vezes, o vento pode acalmar, pode vir um vento fresco, mas aí, eu já estou em terra. Isso já aconteceu comigo várias vezes. Lembra aquele dia que o vento derrubou os postes todos aqui em 87? Eu estava lá fora pescando, aí, eu olhei assim, a lua ia de entrada, a lua nova é a lua de entrada. E vinha aquela nuvem lá embaixo. Aí eu disse assim “se aquela nuvem lá virar pra lua, é tempo que vem aí. É capaz de vir o noroeste”, porque cada vento tem um nome, mas o pior vento que tem é o noroeste.

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)

Essas coisas de previsão do tempo, a gente aprendia com o pessoal mais antigo. Eu aprendi com eles também, porque eu sempre gostei de assuntar¹⁴ onde estava um mais velho. Por isso, eu apanhei um pouco de conhecimento com eles. Tinha um pescador mais velho que metia a mão no remo e chegava no pesqueiro e sabia que a moção¹⁵ estava boa. As águas têm qualidades diferentes, né? Quando a água está pro sul é bom pra peixe, e quando ela está pra leste já se pega o peixe, mas não é tanto assim. E também tem outra qualidade de água que não é boa. Então, a gente diz se a moção está boa ou ruim. E o pescador sabe disso tudo. Olha como era a prática dele! Quando ele encerrava um peixe lá na Ponta do Focinho e quando vinha e o peixe arrotava ou botava o bucho pra fora, ele dizia “ô, meu filho, vamos embora que o tempo vem aí”. E era dito e certo, porque o sudoeste já estava em cima. O sudoeste ia encapelar¹⁶ o mar e o mar ia ficar agitado. Então, naquele tempo, quando caía o sudoeste, ninguém mais pescava lá e a gente sabia disso porque o peixe que a gente matava dava o sinal.

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)

¹⁴ Assuntar: conversar, bater-papo.

¹⁵ Segundo Britto (1999, p. 79), moção ou moções é a corruptela para o termo científico monções e é o conjunto de condições ambientais e climáticas que tornam a pesca favorável. Essas condições envolvem diversos conhecimentos desde a direção do vento até as características e comportamento das espécies de peixe. Sobre a definição científica de monções, Terra, Araújo e Guimarães (2010, p. 160) afirmam que “os continentes se aquecem e se resfriam mais rapidamente que os oceanos, produzindo na atmosfera diferenças de pressão. Isso ocorre porque é necessário muito mais energia para aquecer a água do que o solo. Essa diferença dá origem a ventos periódicos chamados **monções**”.

¹⁶ Encapelar: levantar, encrespar, ficar bravo.





c. Rabo de galo

Quando o céu está rabiscado, com aquelas listras de nuvens, a gente trata de rabo de galo. Aí, o pescador diz assim “ó, está com rabo de galo, vai ter quebra de vento”. Quebra de vento¹⁷ é quando o vento vai acalmar. Então, o rabo de galo indica que vai mudar o tempo. Quando a gente está lá fora, e a estrela se desloca de um lado pro outro também é um sinal. Então, eu estou lá pescando e aí a estrela deslocou daqui, aqui é sueste. Aí a gente diz “ó, pode contar que daqui a um ou dois dias vem o sueste daqui de fora”. O vento vem em cima da estrela, onde ela correu.

(Entrevista com S. Dok, no dia 23.01.12)

O conhecimento sobre a sazonalidade dos peixes, a maré e os ventos constitui o que Britto (1999, p. 88) chama de “ciência do concreto”, que são os saberes pelos quais “os pescadores habilitam-se para fazer uma série de previsões razoavelmente confiáveis sobre as condições naturais que interferem nas pescarias”. Um dos recursos utilizados para fazer essas previsões é a observação de rabos de galo no céu. Rabo de galo são formações de nuvens conhecidas como cirrus. De acordo com

¹⁷ Quebra de vento: suspensão ou calmaria do vento que antecede à mudança na direção dos ventos.





Rabo de galo visto da Prainha - RMF

Torres e Machado (2011, p. 52) “a identificação dos diversos tipos de nuvens impõe grande dificuldade, seja pela forma de transição, seja pela estimativa visual da altura das nuvens”. Por esse motivo, dois critérios são mais utilizados na classificação das nuvens: a altitude e a aparência (Soares e Batista, 2004 *apud* Torres e Machado, 2011). Segundo esses critérios, os cirrus seriam as nuvens mais altas, estando de 6 km a 18 km de distância do solo. Para o Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC), é uma “nuvem isolada em forma de filamentos brancos e delicados ou de bancos ou faixas estreitas, brancos ou quase brancos. Esta nuvem tem aspecto fibroso como fios de cabelo ou rabo de galo. O cirro é constituído por cristais de gelo. Normalmente, visualizamos cirrus antes de uma frente fria chegar, na linguagem popular é chamada de ‘crista de galo’”. Desse modo, podemos ver a “ciência do concreto” (Britto, 1999) dialogando com a teoria, a partir dos conceitos de “rabo de galo”, na linguagem do pescador, e “cirrus”, na terminologia científica.

d. Marés e Correntes marinhas

De acordo com a Sociedade Mantenedora de Educação Superior da Bahia (SOMESB), as massas de água dos oceanos podem ser superficiais ou profundas. As águas superficiais permanecem em constante movimento, principalmente, por causa da ação dos ventos, e esses movimentos podem ser periódicos ou não. Rossetti (2008, p. 248) afirma que “marés são produtos da flutuação periódica do nível de água em função do movimento de rotação da Terra, combinado ao efeito gravitacional causado pela atração da Lua e, secundariamente, do Sol”.



Correntes marítimas



Imagem retirada de Terra, Araújo e Guimarães, 2010, p. 154

Se as marés são movimentos periódicos, as correntes marinhas são consideradas movimentos aperiódicos. As correntes marinhas, normalmente, são determinadas pela ação dos ventos que se sucedem latitudinalmente e agem nas massas de água superficiais (SOMESB, 2007, p. 17). O movimento das correntes marinhas também implica mudança na temperatura das águas e, por conseguinte, em sua salinidade (Terra, Araújo e Guimarães, 2010, p. 168). Em seguida, vemos S. Dok comentando sobre a temperatura da água e circulação de peixes em associação às correntes marinhas, ao falar da “divisão de águas”. Mais ainda, ele sustenta essa afirmativa no seu conhecimento prático de pescador.

O peixe desova na água fria, porque, se ele desovar na água quente, o outro peixe grande vem comer a cria dele. Então, na época de maio, junho, julho, a anchova procura lugar para desovar por causa do peixe grande na água quente. Mas ela desova pra comer metade. Então, todo peixe, quando desova, come a metade da cria. Mas ainda fica viva a outra metade. Mas o peixe sempre procura a água fria pra desovar, porque o peixe grande vive na água quente. Eu estou dizendo isso com certeza, porque você sabe que eu fui pescador. Então, por exemplo, o bonito. Tem o bonito serra e tem o bonito que tem aquelas pintas, né? Então, aqui fora tem uma divisão de água. Lá na Ponta do Focinho, debaixo do farol, ali tem uma divisão de água. Quem vai daqui pra lá, realmente, a água está fria, mas passou dessa ponta pra cá pode botar a mão na água que ela já está morna. Então,

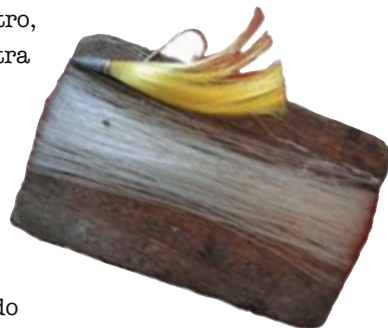


a gente que é pescador apanha uma prática. Então, todas as correntes de água dessa costa marinha desembocam ali. Isso é o que está na carta marítima. Nessa costa brasileira, a ponta do farol é a ponta que bota mais pra fora pro meio do mar.

Então, a maré vem de fora de um lado pro outro, né? E, ali embaixo tem uma divisão de água, é outra corrente que traz a água fria para baixo e a quente, para o outro lado. E todo peixe vem desembocar ali. Aí, a gente trata que o peixe está fiando água¹⁸, pra esquentar o lombo dele. Ele fica ali parado, brincando, ele vai lá e vem cá. É igual gente! Quem não quer entrar numa piscina de água morna pra relaxar? Então, quando tem um cardume de bonito, a gente fica corricando¹⁹. A gente bota três corricos na borda do barco, que fica pra baixo e pra cima corricando.

Aí, lá fora, a gente apanha um cardume de bonito e mata ele. Mas quando você chega aqui, você não mata um! Lá naquele lugar no mar, você mata, mas por que é assim? Porque o bonito tem a defesa dele, ele é esperto. Então, ele vem marchando, ele vem, vem, vem, quando ele chega aqui e encontra a água fria, ele volta e vai pra água quente. Você pode passar aqui 500 vezes que você não mata um, mas se você vai lá, você mata. Por quê? Porque aqui o lombo dele sente a água fria e ele não vai ficar na água fria. Ele quer ficar na água morna. Então, o peixe grande sempre gosta de ficar na água morna e, por isso, os pequenos vão desovar na água fria. A natureza do peixe é essa, porque o peixe tem a sua sabedoria. Cada um tem a sua sabedoria²⁰.

(Entrevista com S. Dok, no dia 08.05.12)



Corrico da pescadora
D. Socorro - RMF

¹⁸ Fiando água: quando o peixe está navegando contra a maré e aflora à superfície da água. O peixe faria isso para se aquecer.

¹⁹ Corricar é uma modalidade de pesca, na qual o barco fica em movimento (navegando) em busca do peixe que pode ser bonito, serra, anchova, xerelete, cavala, etc. Nessa modalidade, o pescador usa o corrico, que é um aparelho de pesca – um chumbo com furo e cabelo de nylon amarrado da cor de preferência do pescador, que pode ser orientada por superstição ou conhecimento da moção que pode “requisitar” diferentes cores. O nylon passa pelo furo do chumbo e o anzol de argola fica amarrado e escondido no “cabelo”. O objetivo do uso do corrico é simular um peixe pequeno e atrair o peixe maior (predador).

²⁰ Sobre essa fala de Dok, restaram dúvidas se ele estaria falando apenas das correntes marítimas, ou se estaria mencionando também algo sobre o fenômeno da ressurgência. Mais entrevistas e análises são necessárias para alcançar tal conclusão.

A lua e a maré navegam uma com a outra, sabe? Tem os quartos da maré e os quartos da lua. Então, quando a maré está vazia, está esvaziando, a gente diz que é maré seca. Essa maré é ruim pra pegar peixe. A maré seca tem a ver com o quarto crescente da lua. Depois tem a lua cheia e também tem a lua nova. Então, de acordo com a caída dela, a maré vai esvaziando. E o peixe sente isso. Então, o peixe está ali, mas a gente não pega, entendeu? Mas nós temos o seguinte ditado: quando a maré vem repontando – repontando porque está enchendo – aí, o peixe pensa assim que está fluindo bem e a gente faz pescaria. Então, quando a maré está cheia, a gente aproveita, mas, quando chega ali pelas 10h, ela começa a esvaziar. Aí, tem que esperar encher outra vez. Aí a gente fica esperando a maré encher no pesqueiro pra ver se o peixe vem pegar. Tudo isso é manejo que a gente aprendeu pela prática de observar a maré, entendeu?

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)

Eu vou voltar um pouquinho no tempo pra falar desse pesqueiro chamado burro. Pra chegar lá, a gente saía daqui meio dia e só chegava lá 5h da tarde. Era só bote do nosso tipo, de boca aberta, que ia pra lá. Mas era tudo bote daqui de Arraial, Cabo Frio, Rio das Ostras, Macaé... Parecia Copacabana no fim do ano. E cada bote matava 800 quilos ou uma tonelada de peixe. Mas depois que veio esse traneirão, tudo a motor, tudo mudou. Olha só o que é a invenção do homem... Hoje em dia tem um aparelho chamado sonar. O sonar do barco fica fundeado²¹ em cima do pesqueiro. Aí, ele é ligado. Se tiver um cardume de peixe lá na Prainha, o sonar daqui está marcando. Daqui, ele sabe onde está o peixe, que caminho o peixe vai fazer e o barco vai em cima do cardume. Mas hoje o peixe está mais espantado por causa desse sonar. Aí, a pescaria vai se ausentando. E o peixe sabe quando vai ter quebra de vento. Quando o peixe sai pra comer mais retirado e fica lá no fundo é porque vai ter quebra de vento. E o pescador sempre vê a condição da água.

Então, se hoje a água está ao sul, ela está mais quente. Ela fica mais azul, mais bonita e o peixe gosta dessa água. Aí, essa informação que o pescador tem da vida toda dele é que vai levar ele a fazer a busca do peixe. Ele imagina que o peixe está em tal lugar. Ele não tem certeza, mas ele vai lá. O sonar, não. O sonar dá a certeza de

²¹ Fundear: deitar âncora; ancorar, estar ancorado.



que o peixe está ali. Então, a gente vai aventurando pela fé. Eu, como pescador, estou sempre olhando o tempo. Então, eu sei em que lugar eu posso chegar e pegar peixe. Isso é pela minha experiência. Então, eu dizia assim pros meus companheiros “ó, nós vamos sair meio dia e vamos pra tal lugar assim-assim e é capaz da gente matar umas anchovas lá” e era difícil não matar.

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)

No trecho acima, além do aprendizado alcançado pela observação constante do ambiente, Dok comenta que o uso do sonar, apesar de trazer maior precisão à pesca das traineiras e dos barcos grandes e motorizados, espanta os cardumes de peixe, prejudicando a pesca artesanal/tradicional. Os estudiosos Begossi, Lopes, Oliveira e Nakano (2009) concordam com esse argumento ao citarem, em uma pesquisa realizada em comunidades de pescadores artesanais de Ilha Grande, que os maiores problemas/ameaças enfrentados pelos pescadores artesanais são a pesca de arrasto e de traineira, com barcos grandes e uso de sonares para localização dos cardumes.

e. Os cardumes e seu reconhecimento

O vigia reconhecia o cardume chegando pela forma e pelo jeito que ele fazia. Então, a gente sabia se era xaréu, bonito, anchova, tainha, xerelete, ubarana. A gente sabia tudo. Os peixes têm formas diferentes. A anchova é uma forma bem vermelha. Já o xaréu, você tem que ter atenção, porque ele já vem pardo. Já o ubarana é bem vermelho, igual a anchova, mas a ubarana é um peixe que vem mais pra fora, vai pra terra. Aí, a gente sabe que não é anchova. A anchova é um peixe que faz aquela viagem certa e direta. A ubarana, não. Ela vai na terra e volta. E os outros peixes também têm aquela viagem certa. E é pela forma, pelo movimento do peixe que na prática a gente diz que peixe que é. E dificilmente se erra. A gente conhecia o que era cação, arraia, manjuba. Sabia que manjuba não prestava pra cercar, sabia o que era coió e que não prestava pra cercar. A gente só cercava o que prestava. Então, a nossa prática era igual na escola. Você vai aprender na escola, né? Se a professora vai te ensinar, você vai aprender, né? A mesma coisa é aquilo ali. Aquilo ali é meio que uma escola e lá a gente aprendia. Quinzinho ia comigo e ficava lá me perguntando “mas, pai, como é que é isso?” e hoje ele diz “tudo que eu sei, eu aprendi com meu pai e agradeço ao meu pai porque foi assim que ele me ensinou”.

(Entrevista com S. Joaquim Torrada, no dia 12.01.12)





Sinais

Vigia Quinca Però



BONITO... BONITO... BONITO... BONITO...



ANCHOVA... ANCHOVA... ANCHOVA... ANCHOVA... ANCHOVA...



TAINHA... TAINHA... TAINHA... TAINHA...



do Vigia



A gente também sabia a época do peixe. O mês de março e abril é bom pra tainha e anchova. Já o mês de novembro, dezembro e janeiro era mais o xaréu. Em fevereiro e março, tinha mais tainha e olho de boi. Aí, no período de frio, vinha mais quantidade de tainha e vinha certa quantidade de parati. E aí, as épocas da pescaria eram essas mesmo. O xaréu já é mais difícil de ver porque ele vem mais espalhado. Quando ele passava, qualquer batida ou barulho até na areia espantavam ele.

Eu fui vigia por 21 anos. E tinha os sinais que o vigia fazia, né? Porque uma companha ficava embarcada e a outra ficava na terra. Quando era xaréu, a gente fazia assim (*ilustração na página anterior*) e já sabia que era xaréu. E não podia fazer nenhum barulho. O bonito já vinha virado, aí, ele fazia assim (*ilustração na página anterior*). A anchova era o sinal de uma onda e a gente sabia que era anchova. E a gente sabia também a quantidade de peixes e era difícil errar. A gente ia com os vigias pro alto do morro e aprendia com eles, porque quando a gente era mais jovem, a gente ia com o vigia pro morro e ficava escutando ele. Aí, ele falava “ali, uma manta de peixe” e aí a gente via “ah, está lá!” e eles falavam “aquele é xaréu”. Então, a gente aprendia que peixe que era pela prática. Quando era anchova vinha lá em baixo, e eles ficavam mostrando até a gente ver. E a gente aprendia os diferentes peixes também por causa do movimento. O peixe dentro d’água dava uma coloração diferente, uns vêm mais afastados, outros vêm mais juntos, mais unidos. Uma hora é preto, outra hora é mais claro. Quando os passaros vêm comendo é bonito. Quando os passarinhos ficam em cima, mas não comem nada, a gente já sabia que era manjuba.

(Entrevista com S. Joaquim Torrada no dia 25.01.12)

A gente adivinhava a quantidade de peixe assim: o barco tem as gavetas onde a gente guarda o peixe pra trazer pra praia. Tem uma gaveta grande, outra do lado e ali a gente fazia o nosso cálculo, baseado no tamanho da gaveta e no tamanho do peixe. Então, a gente diz assim “tem 150 kg de peixe aí” e perdia por 10 kg ou 15 kg, porque podia avançar mais 10 kg ou diminuir 10 kg, mas era exatamente aquilo que dava na balança. A gente também adivinhava o peso do peixe, se a gente matava um peixe grande, a gente dizia assim “tem tantos quilos” e tinha tantos quilos, então, a gente sabia pela medida.

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)



f. O vigia e seus sinais

Todo pescador tem uma função. O pescador que é pescador tem sua função. Ele rema, bota rede, mestreia, cada uma faz uma coisa. Depois que eu voltei da Álcalis pra cá, eu fui vigia. Eu não pescava na canoa, não. Eu era o vigia. E pesquei por quase 30 anos. Era vigia das canoas de Lino, Zé Ramalho. Eu pescava em 19 canoas. Tudo na Praia Grande e também pescava na Ilha.

Eu aprendi a ser vigia assim: quando eu era rapazinho e tinha meus 15 anos, eu não tinha nada pra fazer. Eu saía daqui e ia lá pro morro ficar com os vigias. Então, eu ficava com aquela ansiedade de ver o peixe primeiro e mostrar pra eles. Aí, eu fui tendo aquela prática de ver o peixe lá e dizia “olha tal manta de peixe assim-assim”. Então, eles ficavam comigo. Quando cercava o cardume lá em baixo, eles diziam assim “vou dar dois peixes pra você”, aí eu descia e apanhava os dois peixes. Aí, fui apanhando aquela prática e aquela ansiedade de ser vigia.

Olha, quando eu estava no vigia, eu enxergava o peixe de mais de 4 milhas fora, longe da praia. Eu dizia “ó, vem uma manta de peixe, é peixe tal” e tinha aquela prática de conhecer que peixe que era. E dizia “tem 2 mil, tem 3 mil, tem mil e quinhentos, tem quinhentos”, porque eu já tinha aquela prática. Igual quando você está na escola e vai o aluno pra você ensinar e você tem aquela prática.

(Entrevista com S. Joaquim Torrada no dia 12.01.12)

O vigia é um pescador também. É um quinhão que ele ganha lá. Ali, são nove camaradas que pescam: cinco remadores que puxam a canoa, dois que botam a rede no mar, um que mestreia e guia a canoa e outro que fica na praia pra puxar a rede, quando eles largam a rede. Então, são nove camaradas e o vigia que fica aqui em cima. Às vezes, vêm sete e pesca com sete, com oito, mas o normal mesmo é nove²².

(Entrevista com S. Quincá Però no dia 13.12.11)

²² Ver explicação sobre a composição de uma companha na página 45 do presente material.





Então, a mesma coisa é o vigia aqui na praia – o tal do sinaleiro. Tem uma vigiazinho lá em cima do morro. Ele fica lá em cima. Ele está vigiando. Aí, ele enxerga um cardume de peixes de mil metros ou mais. Ele alcança só com a vista dele. Eu gosto do vigia, porque ele enxerga longe, sabe? Aí, ele vê e se levanta... E os pescadores aqui nas canoas sabem logo quando ele vai fazer o sinal e aí sobem todos na canoa e gritam “Ele vai mandar (*o sinal de que tipo de peixe é!*) Ele vai mandar”. Porque o vigia quando vê o cardume lá em baixo, ele se levanta e, às vezes, até se espreguiça. Aí, ele olha pro sol pra ver se é nuvem a mancha que ele vê no mar. Porque a nuvem tem sombra e ele só vai mandar o sinal pros pescadores quando ele tiver certeza! A diferença entre a nuvem e o cardume é porque o cardume é igual a uma mancha de sangue e ele não quer se enganar! E o povo cá embaixo está alvoroçado.

Aí, o vigia está com uma toalhinha branca dele no bolso. O peixe vem, desce pra lá, se vira, vem pra cá. Ele puxa a toalhinha dele e aí ele faz o sinal lá de cima. Ele abre os braços e sacode a toalhinha. E ele diz a qualidade de peixe que é: se é anchova, ele faz o sinal da anchova; quando é xerelete, ele faz o sinal do xerelete; quando é xaréu, tem também o sinal do xaréu. E ele ainda diz assim “ó, tem cinco mil anchova!” e ele vai perder só por 500 peixes nessa conta. Dá tudo certinho!

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)





S. Quinca Perú em ação como vigia de pesca no morro da Praia Grande, em 2010 - RMF

g. Aprendizado dos sinais e sua importância para a pesca de rede

Eu pescou desde os 14 anos. Eu aprendi a pescar observando o meu pai. Meu pai era vigia. Era pescador daqui mesmo. Então, de manhã, quando eu era rapazinho, minha mãe me chamava pra eu levar o café pro meu pai, no morro do vigia. Aí, eu vinha com aquele bulizinho de alumínio. Chegava aqui, às vezes ele estava aqui, às vezes estava no vigia do outro lado de lá. Aí, eu entregava o café pra ele e ele falava pra mim assim “Joaquim, você está vendo aonde vem uma manta de peixe lá em baixo?” e eu perguntava “aonde, pai?” “Olha lá! Vem lá naquele fundo!”. E naquele tempo vinha mesmo, uma atrás da outra. E ele falava até que eu via “ah, pai, estou vendo! É aquilo lá?”. E vinha, porque não tinha o que espantasse...

O vigia tem que conhecer o trajeto do peixe pra poder dizer como os pescadores vão jogar a rede. Então, a gente conhece todo tipo de peixe que está lá. A gente sabe a qualidade de cada peixe. E cada cardume faz uma forma diferente, né? E a gente, então, sabia que tipo de peixe era pelo conjunto e pelo desenho que o cardume fazia, porque eles ficam juntos. Então, é um desenho que anda pelo mar, porque não fica parado, né? E tem os movimentos do peixe também. O vigia tem que mandar o sinal. Então, eu digo que peixe que é quando mando o sinal pra eles lá embaixo. O sinal do xaréu é porque,



antigamente, a pessoa escalava²³ o xaréu, então tinha uma machadinha que o pessoal batia na cabeça do xaréu, por isso, esse sinal. A anchova tem esse sinal, porque ela pega na linha do anzol (ilustrações nas páginas 56 e 57, na foto “Sinais do Vigia”). A tainha vem pulando e saltando (ilustrações nas páginas 56 e 57, na foto “Sinais do Vigia”). Então, a gente conhecia a tainha por isso e fazia o sinal dela. O bonito é assim, ele se vira.

Uma vez eu fui pescar lá na Ilha do Farol como vigia. Pesquei na Praia do Farol, pesquei muito lá. O maior lance de peixe que eu peguei foi lá na Praia do Farol. Você vai dizer que é mentira, mas eu pesquei 14.600 xaréus. Tinha até a notícia do jornal lá em casa, pra eu mostrar pra você. Sabe quantos anos faz isso? Eu ainda era solteiro... Não, já era casado! Tem pouco tempo. Eu devia ter uns 60 anos ou 65. Mas foi o maior lance de peixe que vi foi aquele! Mas foram sete canoas dessas de arrastão²⁴.

(Entrevista com S. Quincá Peró
no dia 13.12.11)



Cerco na Praia Grande - RMF

²³ Escalar o xaréu: abrir o peixe cortando-o ao longo da espinha.

²⁴ De acordo com Bernardes e Bernardes (1950, p. 25-26), a pesca de arrastão, também conhecida como pesca de rede de arrasto, “envolve nove homens. Destes, sete seguem na canoa, sendo quatro remadores, dois botadores de rede e o mestre. Em terra, permanece, além do vigia, o cabeiro (...). Do vigia depende, em grande parte, o êxito do lance. Cabe-lhes ficar de espia em uma elevação e avisar aos companheiros a aproximação dos cardumes”. Essa descrição é muito parecida com a descrita por Britto (1999, p. 90) ao descrever a pesca de rede grande, realizada pelas companhas de pescadores de Arraial do Cabo, já destacada no presente material.





Essas coisas de lua e nuvens eu aprendi com os mais velhos. Eu pesquei com os antigos, né? Então, eu fui observando. Eu fui lendo uma cartilha do mar e fui aprendendo com eles. Porque nem todas as coisas a gente aprende com o outro, não! A gente aprende um pedacinho, mas também tem que se esforçar pra aprender com a gente mesmo. E eu fui sempre assim, entendeu? Eu apanhei no colégio do mar. Eu fui vendo o que era maré, tipo de peixe, pra eu chegar nesse ponto, mas eu aprendi o princípio com os mais velhos. Eu, como pescador, aprendi a conhecer os tipos de maré, o mar foi tudo de bom pra mim! Eu não tenho nada do que me queixar do mar! Ele foi tudo de bom e a minha profissão foi me ensinando, porque a gente apanha mais vai aprendendo. A gente aprende as qualidades de maré e as

qualidades de vento. Nem todo pescador sabe das qualidades de vento! Eu não estou dizendo isso pra botar gravata em mim, não! Mas o que eu aprendi dentro do mar foi por experiência, graças a Deus! Fui um homem experiente dentro do mar! Então, eu conheço a qualidade de mar, a qualidade das águas, eu sei qual é a posição do vento. O sudoeste é um vento manso que traz água boa e peixe. Já o noroeste é o pior vento que tem. E tem outra qualidade de água aqui pra fora também que é bonita e traz comidoria²⁵, que são aqueles peixinhos pequenos pra os maiores comerem.

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)

h. Agulha, anzol e rede

Para gente tirar a madeira pra fazer agulha de pesca, a gente tem que saber a hora certa. Então, tem uma época certa de tirar a madeira, de acordo com as fases da lua. A madeira é retirada no quarto minguante, porque é a madeira ideal pra isso. Até o 2º, no máximo o 3º dia da lua nova. Depois dessa época, não se mexe mais em madeira, porque há o risco dela trincar ou dar bicho. Aí, o material próprio pra se fazer trabalhos com madeira é o quarto minguante das fases da lua.

(Entrevista com S. Gamaliel, no dia 25.01.12)

Eu fazia uma rede de uma forcada²⁶ e outra na mão. E levava uns 2 ou 3 meses pra fazer essa rede, porque é muita coisa. São 180 braças²⁷ de comprimento de rede e 12 braças de largura. E era uma

²⁵ Comidoria é uma estratégia que o pescador usa para saber onde está o cardume. Quando ele vê os pássaros costeiros atacando suas presas (manjuba) na superfície do mar, percebe onde tem uma espécie de peixe maior atacando um cardume de peixe menor. E, a partir dessa observação, o pescador pode encontrar o cardume para pescar. O comentário de Dok sobre a comidoria pode ser associado à ideia de cadeia alimentar. Contudo, até o momento, não nos foi possível traçar um desenho das espécies envolvidas na cadeia alimentar referida, com os exemplos que tivemos. Por isso, ainda não propusemos esse diálogo. Além disso, mais uma vez, a explicação do fenômeno da ressurgência surge como possibilidade de diálogo com a fala do pescador, mas não fica clara a relação entre comidoria e tal fenômeno. Por isso, entendemos que mais entrevistas e análises são requeridas para realização de tal relação com maior precisão.

²⁶ Forcada, também conhecida como calões, são “suportes de madeira que prendem as extremidades da rede aos cabos” (Britto, 1999, p. 245), conforme se pode ver na ilustração da próxima página.

²⁷ Braça é uma medida de comprimento antiga utilizada pelos pescadores. Uma braça equivale a 2,2 metros.



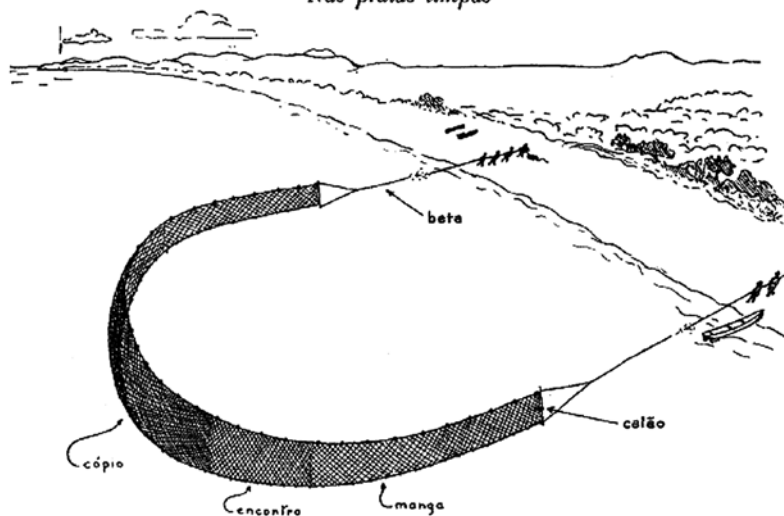
rede grossa. E tinha a manga²⁸. E a gente fazia aquilo tudo à mão. Tinha o modo de corte que era fininho, fazia malha pequena. Já a malha da manga era de 40 cm. Era maior pra fazer rede de manga, né? Então, a gente fazia aquilo tudo na mão. E quando precisava, eu telefonava lá pra São Paulo e a pessoa trazia 200 ou 300 m de rede. Era uma peça inteira. Dali, a gente corta pra fazer as redes, porque as redes têm que ter os panos certos.

Agora, pra lula, pra sardinha, a rede é fina. É redinha. A malha é 2 cm ou 3 cm. Pra peixe grande, tipo xaréu, olho de boi, ou pra tudo quanto é peixe, a malha é 40 cm. Já pro cação são aqueles fios grossos e a malha é da largura de um palmo pra poder bater e malhar. Então, pra cada tipo de peixe tem uma rede própria, porque, na rede grande, a lula e a sardinha não ficam. O cação, não! Se você cercar com uma rede de 40 cm e de nylon 16, ele acaba com aquilo, carrega tudo e não fica nenhum na rede. Então, a gente bota 3 caçoeiras pra cercar o cação.

(Entrevista com S. Joaquim Torrada no dia 12.01.12)

PESCA COSTEIRA OU MARÍTIMA

Nas praias limpas



Arrastão de praia: final do lance, quando a rede é arrastada para a praia.

Imagem retirada de Bernardes e Bernardes, 1950, p. 46

²⁸ Mangas são “as partes laterais extremas, com malhas maiores que as anteriores” (Britto, 1999, p. 245), conforme se pode ver na ilustração acima.



Nem todo mundo sabe fazer rede... Só os antigos, mesmo. É contado a dedo quem sabe fazer rede. Dos meus filhos pra cá, eles não querem saber. Mas é uma tradição que não pode acabar, porque tem pescador aqui que não sabe nem fazer um aparelho pra ele pescar. Aí pede pros outros fazer pra ele. Ou então, vai comprar o anzol lá na loja, mas também não sabe nem comprar um anzol, porque não sabe escolher. A nossa geração mais antiga sabia fazer tudo. A gente empatava²⁹, não comprava anzol de argola, não! A gente apanhava o anzol de pata³⁰, porque o nosso tipo de pescaria era outro. Hoje em dia, está tudo diferente. A gente, antigamente, pra pescar, a gente comprava o anzol de pata que dá pra botar linha de pescar. A gente fazia aquela fardazinha, segurava a carnada³¹ pra não embolar. Hoje em dia, a gente compra anzol de argola e embola aquela trouxa e

²⁹ Empatar: amarrar o anzol de pata.

³⁰ Anzol de pata: é o tipo de anzol no qual o olhal é uma pata e não uma argola.

³¹ Carnada é feita do filé do peixe. O filé é cortado do tamanho da isca, de acordo com o tipo de peixe que se quer pescar. O corte preciso da isca é muito importante e decisivo para a boa pescaria, porque ela precisa ter uma boa apresentação e enganar o peixe. A isca não pode ficar embolada com a correnteza, por isto a precisão no corte da carnada.





Mão de pescador tecendo a rede – RMF

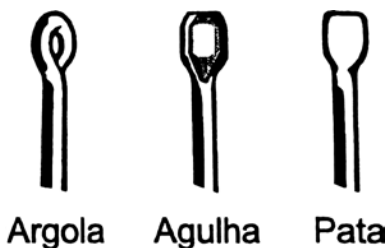
mata. Mas a gente não gostava desse anzol de argola, não. A gente fazia nossa iscazinha e era assim que a gente pescava. Era um tipo de pescaria diferente.

Os pescadores de hoje vêm às cegas, porque a maioria dos pescadores hoje em dia não é do lugar. E também têm muitos que pescam em rio e aí vem fazer do mesmo jeito aqui. Mas nós que somos do lugar é que sabemos o ritmo da nossa pescaria. Na pescaria da nossa época, no nosso nível e na nossa classe, tinha muito respeito. Era tudo feito com muito respeito. A gente sabia, por exemplo, entrar no mar com a canoa deles fundeada ali. Ou então, quando a gente estava com o barco lá fora pescando, a gente sabia a posição que o pescador, que já estava lá, ia pescar, o corte que ele ia fazer e eu não ia puxar a rede perto dele, pra não atrapalhar ele, porque respeitava ele.

(Entrevista com S. Dok, no dia 13.01.12)

Existem três tipos de formato de olhal de anzol e para cada um deles será necessário um tipo de nó específico. A seguir, temos o passo a passo para fazer um nó de anzol de pata.





Sobreponha cerca de 25 cm da linha sobre a haste do anzol e forme um círculo.



Segure as duas partes da linha junto à pata do anzol com uma mão e com a outra pegue a parte do círculo mais próxima da curva do anzol e enrole bem justo as duas linhas e a haste do anzol no sentido da curva para a pata. Faça quantas voltas quiser.



Segurando as espirais no lugar com uma mão, puxe com a outra a ponta da linha até o nó enconstar.



Ajuste o barril formado pelas espirais junto à do anzol. Lubrifique e aperte o nó puxando as duas partes da linha em sentidos opostos.



Olha, eu pesquei em várias canoas: Piti, Carvão, Galiota, Morgana, Esperança, estrela Damiana, União e Grã Pequena, Boa Sorte, Três Estrelas... Pesquei numas 19 canoas!

As canoas vinham de Barra de São João. Construía lá mesmo. Quem comprava muita canoa aí era Zé Birra. As canoas eram feitas de madeira da mata lá de São João. É como se fosse um registro da Mata Atlântica. A madeira usada era de Jequitibá, Cedro, Pinha, tudo madeira de lei. Figueira não presta! Apodrece rapidinho. Se você deixar um pouquinho de água, pode contar que vai apodrecer. Tinha que deixar ela bem seca, botar areia pra secar aquela água e tirar aquela areia pra não deixar com água, porque, se você deixasse com água, dali a dois dias quando você chegasse estava tudo podre. No mar, qualquer gesto que você fizesse, estava arriscado a canoa virar. E as outras madeiras, não! Você podia bater pra cá e pra lá que ficava firme. Era madeira pesada. E a Figueira, não, era madeira leve. Você até suspendia uma canoa de Figueira sozinho! Agora, com as outras madeiras, não! A gente botava uns paus debaixo da canoa, metia as madeiras, suspendia a canoa pra botar aqueles paus debaixo dela, pra empurrar a canoa pra ir pro mar. A nossa vida naquela época era muito pesada. Era muito pesada, mas era boa!

(Entrevista com S. Joaquim Torrada
no dia 12.01.12)





Canoa Princesa na Graçainha –
Cerco e puxada de rede - RMF



Barco retornando da pesca em alto mar
em direção a Ilha do Farol - RMF



6 Histórias em alto mar



a. Mas eu sempre andava preparado...

Por isso que eu digo que a experiência vale muito! O pescador tem aquela consciência viva e a certeza de que vai dar certo ou não, porque aquilo ali é uma coisa que nasceu dele e do aprendizado dele. Ele meteu a mão pra saber o que é e o que não é! Por causa do meu aprendizado no dia a dia do mar, se eu disser que aqui é pedra, é porque é pedra. Se eu disser que é pau, é porque é pau. Não foi por meio do estudo, mas na própria natureza que eu aprendi. Então, o pescador tem que olhar pra embarcação e ver o que a maré está fazendo. Se a maré está levando contra o vento ou não. No colégio do mar tem uma história que é assim: eu tinha um colega que tinha um barco e ele confiava em mim, porque eu sempre tive o meu cartaz com meus colegas de pesca. Eles sabiam que eu tinha a minha sabedoria. Aí, nós carregamos o barco que se chamava Magali e a gente tinha um pesqueiro chamado “burro” que fica aqui fora à leste. A gente gastava 5 horas de viagem dentro do mar pra matar anchova nesse pesqueiro. Aí, no barco eu fui com um camarada no leme, mas ele era um camarada de muita facilidade. Ele não tem aquele heroísmo, aquela vivacidade e responsabilidade no leme. E eu estou vendo que a embarcação vai lá e vem cá. E isso está me dando aflição. E o dono do barco também estava brincando com outro camarada no convés e eu só olhando.

A gente tinha saído daqui era meio dia e tinha que chegar lá umas 5h da tarde. Daqui a pouco, deu uma certa hora, eu olhei pro vento e viu que acalmou daqui o nordeste e ia vir um vento contrário. Ia vir o



sudoeste. Aí, ficou tudo enfumaçado. A serração veio galgando por cima e eu disse assim pro camarada do leme “olha só quem vem lá! O sudoeste! O nordeste acalmou, o sudoeste vem lá! Vai dar serração aí”.

Você sabe de uma coisa... Ele pescou comigo por muitos anos e não aprendeu nada. Eu não queria apanhar o leme, porque não queria me meter à intrusão. O dono do barco também estava lá e ele tinha que se virar! Aí, eu falei “por que a gente não entra pra essas ilhas aí, pra esse morro que tem aqui no meio? Porque aí, se cair serração a gente está dentro de uma ilha! Você tem que ser um homem de responsabilidade, rapaz!”. Ele me chamava de “major”, e falou assim “aaaah, major...” e eu insisti “você faz isso que eu estou te dizendo, rapaz!” e ele reclamou “está beeeem”. Olha, graças a Deus, a serração desmanchou. Mas o barco continuou escrevendo no mar, indo lá e cá e aquilo me dando aflição. Daqui a pouco, entrou pela noite e como a gente calculava o tempo da viagem, eu perguntei pro camarada no leme “que horas tem aí?” e ele me respondeu “major, já é sete horas”. E eu pasmei “sete horas!? E nós nem estamos no pesqueiro ainda! Nem na metade do caminho!!”. Aí, ele fez assim “ah, eu vou desligar o motor, major. Já estamos perdidos mesmo. Vamos ficar aqui...”.

Olha... Tinha umas cinco pessoas no barco, contando comigo, e eu disse assim “o que?? Não me diga isso! Você não passou a mão no leme? Era pra gente já estar lá no pesqueiro e nós nem atravessamos a linha do navio³² ainda!”. A gente tinha que atravessar duas linhas de navio e não tinha passado nem uma ainda... Mas eu sempre andava preparado. Olha bem o que é a prática! Dentro da minha vasilha, eu sempre usava um chumbo de um quilo mais ou menos que tem uma corda amarrada de 40 braças mais ou menos. Eu derretia o chumbo e fazia uma forma igual a de coração e fazia um buraco no fundo dele. Aí, com isso, eu tinha uma sonda.

Então, eu sempre andava prevenido. Por isso que eu digo que a experiência é quase muito mais que a teoria. Isso que eu fiz eu aprendi com os portugueses, porque eu aprendi muita coisa com os portugueses lá na Praça XV. Então, pra usar a sonda era assim: no fundo da sonda, no buraco que eu fazia nela, eu enchia de sabão. Aí, eu jogava a sonda no mar com o sabão, porque sabão dá sinal de tudo, né? Quando é areia, vem cheio de areia, quando é lama, vem com

³² Linha do navio é um local por onde os navios passam e serve de marcação da distância a ser viajada por pescadores que navegam em alto mar, para chegar a determinado pesqueiro.



lama, quando é cascalho, vem com cascalho, que é concha e areia misturado, e quando é pedra, vem com marcas de pedra. Aí, eu falei assim “então, você quer ver onde nós estamos?”. Joguei a sonda no mar, virando assim e, quando subiu, falei “aqui, olha só, estamos na lama e 24 braça de fundura. Mas e agora? O que a gente faz?”.

De repente, o céu ficou todinho estrelado. Aí, eu pela minha prática, graças a Deus, disse assim “olha, você disse que nós estamos perdidos, mas não vamos ficar, não! Nós vamos chegar no pesqueiro! Mas olha, você apanha o leme e você está vendo essa estrela aqui?” Porque lá pelas 6h da tarde tem uma estrela grande igual a estrela Dalva, então, eu disse “você vai andar 20 minutos em cima dessa estrela e quando fizer vinte minutos, você para pra eu sondar e nós vamos chegar em cima do pesqueiro”.

De noite, a gente não via nada... Aí, o camarada falou assim “major, já faz vinte minutos” e eu mandei ele parar, soltei a sonda e era só lama. O pesqueiro aonde a gente ia era de 42 braças de fundura, então eu mandei ele continuar. Pela sonda, a gente estava em 25 braças de fundura, “olha, já estamos ficando mais fundo. A linha do navio ainda não apareceu, não. Mas vamos embora! Bota nesse rumo e anda mais 20 minutos em cima da estrela e para”. Daqui a pouco, só sei que já foi pra 30 braças. Aí, quando eu olhei assim eu vi um navio e falei “olha, nós já vamos apanhar a primeira linha do navio! Vamos embora!”. Foi, foi, foi, andamos mais 20 minutos e veio a segunda linha do navio. De noite, a gente não via nada, era só pela prática. Andamos, andamos, andamos e quando vi já estava em 38 braças. “Olha, nós já estamos chegando mais perto do pesqueiro, heim!”. Andamos mais um pouco e quando joguei a sonda e puxei “olha, cascalho grosso! Segue em cima da estrela!”. E a estrela ia viva na proa do barco. Daqui a um cadinho, não precisou nem mais parar e eu ouvi os companheiros tudo lá no pesqueiro gritando “ê ê ê ê ê ê ê ê ê”. Aí, eu falei “olha os barcos lá, viu? Eu vou botar minha sonda aqui pra dentro. Você está vendo o que é a facilidade? Você sendo dono do barco e ainda queria parar e ficar à deriva! No mar, a gente não se dá por perdido, não! Se você que é dono do barco desanimar, como fica a tripulação? A gente não desanimou, porque eu também sou do mar!”. Porque ele ia acabar ficando lá de braços cruzados. E nós chegamos no pesqueiro era umas 10h da noite. Mas devido a minha prática, graças a Deus, que nós chegamos lá no meio dos outros barcos que já estavam matando peixe. E você sabe quantos quilos de peixe a gente matou nesse dia?



500 kg de peixe. E você vê... Tudo pela minha prática. Olha... eu tenho tanta coisa dentro do mar...

(Entrevista com S. Dok, no dia 01.02.12)

Para SOMESB (2007, p. 18), “o relevo do fundo dos oceanos não é simplesmente plano, como o fundo de uma piscina. Ao contrário, possui diversos tipos de acidentes geográficos que afetam o percurso das correntes marinhas e retratam a história geológica da Terra”. As formas de relevo do assoalho marinho estão relacionadas a processos geológicos e, em especial, ao movimento de placas tectônicas (Tait e Dipper, 1968/2004).

Segundo o Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira (IEAPM), estudos sobre o assoalho marinho são fundamentais para confecção de mapas que são imprescindíveis às atividades navais. Principalmente, quando essas ocorrem na plataforma continental, ou seja, em águas rasas, que têm uma profundidade média de 200 m (Tait e Dipper, 1968/2004). Estudos sugerem que a plataforma continental, por ter seu fundo oceânico alcançado pela luz do sol, permite a ocorrência da fotossíntese e do crescimento de plâncton. Esses fenômenos contribuem para que a plataforma seja uma área “de importância econômica especial porque geograficamente os maiores pesqueiros estão concentrados nessa região” (Tait e Dipper, 1968/2004, p. 2).

A história de Dok – Mas eu sempre andava preparado... – ilustra um pouco desse conhecimento sobre a riqueza econômica e pesqueira da plataforma continental e a estratificação do seu assoalho marinho, quando, ao explicar o uso que faz da sonda, ele cita a observação da existência de pedras, lama e cascalho no fundo do mar. Mais ainda, ele nos mostra que é a consciência dessa estratificação associada à profundidade do assoalho, medida pela sonda, e a orientação pela constelação que o auxilia a encontrar o pesqueiro “burro”, quando ele e seus colegas estavam perdidos.

Para Marins (2010, p. 97), a plataforma continental é dividida em duas partes: uma interna e outra externa. Segundo Dok, o pesqueiro para o qual se dirigiam tinha 42 braças, ou aproximadamente 77 m, de profundidade. Frente a esse dado, podemos imaginar que ele estaria se dirigindo para plataforma continental externa, que, segundo Marins (2010), apresenta profundidade variável de 30 a 200 m, e tem predominância de sedimentação bioclástica ou carbonática³³. Mas antes de chegar nela, ele também atravessou a plataforma interna,

³³ Segundo Cavalcanti (2011, p. 23), “os granulados bioclásticos ou carbonáticos marinhos são areias e cascalhos inconsolidados constituídos por algas calcárias, moluscos, briozoários, foraminíferos bentônicos e quartzo. Nos fragmentos de algas predominam as algas coralíneas



que, de acordo com Marins (2010), tem uma profundidade variável entre 0 e 30 m e a predominância da sedimentação siliciclástica ou litoclástica³⁴.

Complementando essa breve descrição geográfica, é importante lembrar que quando nos dirigimos para parte interna da plataforma continental estamos nos aproximando da costa. Algumas regiões costeiras, por conta da interação constante com as marés, podem apresentar planícies de marés, que seriam parte da plataforma continental. De acordo com Suguio (2003, p. 266), “o ambiente de planície de maré é peculiar a regiões costeiras muito planas e de baixa energia”. Rosetti (2008, p. 272) acrescenta, ainda, que “a formação desse sistema deposicional deve-se à diminuição da energia do fluxo do mar para o continente, funcionando como bacia para a acumulação de granulometrias finas, principalmente lamas, (...) [que] acumulam-se naturalmente na parte superior das planícies de maré”.

Para melhor compreensão da gradação existente entre esses processos de sedimentação, Suguio (2003) e Rosetti (2008) lembram que a planície de maré é dividida em 3 zonas: inframaré, intermaré e supramaré e pode apresentar sedimentação tanto siliciclásticas quanto carbonáticas. Para Suguio, nas planícies siliciclásticas, que geralmente ocorrem na zona supramaré, “os tipos de sedimentos predominantes (...) são areias finas, siltes e argilas” (Suguio, 2003, p. 267). Já na zona intramaré, podem ser observados “compostos de lamas e areias finas, comumente depositadas alternadamente” (Suguio, 2003, p. 267). Por fim, na zona inframaré, os depósitos “são predominantemente formados por migração lateral de canais de maré e, desse modo, são compostos de areia, (...) além de frequentes fragmentos de conchas e pelotas de argila” (Suguio, 2003, p. 267). Grande parte dos sedimentos ora listados foram citados por Dok na sua narrativa, indicando alguma consciência empírica da estratificação marinha e sugerindo, mais uma vez, um possível diálogo entre teoria e prática, ou entre saber formal e “ciência do concreto” (Britto, 1999).

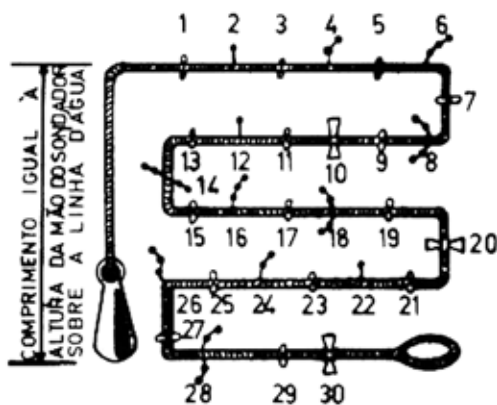
A sonda usada por Dok é um instrumento antigo da navegação conhecido como prumo de mão (ver imagem na página seguinte). De forma muito semelhante à descrição dada por Dok, “o prumo de mão consiste em um peso de chumbo

(algas vermelhas) ramificadas, maciças ou em concreções e os artículos de Halimeda (algas verdes)”.

³⁴ Segundo Cavalcanti (2011, p. 19), “granulados litoclásticos ou siliciclásticos marinhos são areias e cascalhos, originados no continente e depositados na plataforma continental, onde são retrabalhados pela ação das ondas, das marés e das correntes marinhas. São compostos predominantemente por areias e/ou cascalhos quartzosos, seguidos por outros minerais, tais como feldspatos, zirconita, rutilo, ilmenita e outros, bem como por fragmentos de rocha”.



de forma troncônica, denominado CHUMBADA, tendo na parte superior uma ALÇA, ou um orifício, e na base um CAVADO, onde se coloca sabão ou sebo, com a finalidade de trazer uma amostra da qualidade do fundo, indicando a tensa” (Miguens, 1993, p. 305).



Prumo de mão. Imagem retirada do livro “Navegação: a ciência e a arte”, cap. 11, p. 305

Pescador Hamilton Miranda sondando pesqueiro – RMF



b. O anequim

Como pescador, eu trabalhei por 60 anos dentro mar. Não conheço outra profissão que não seja a pescaria. O mar me tolerou e eu tolerei o mar, mas também apanhei muito do mar... Então, vou contar a história do tubarão. Já faz uns anos, sabe? O pescador tem vários tipos de pescaria. Eu saí de madrugada pra pescar e nesse dia eu saí rumo ao farol da Ponta do Focinho pra correr serra e bonito. E lá na Ponta do Focinho é onde desemboca toda qualidade de água bonita da costa brasileira. Então, ali é fonte de águas bonitas e qualquer qualidade de peixe também desemboca ali.

Então, eu saí de madrugada com mais dois colegas e fui correr ali. E nesse dia, o bonito estava falhadinho, mas eu matei um pouquinho. Mas aí, eu disse assim, “olha, é melhor a gente ir andando por fora do farol, pra ponta da ilha, pra a gente vir na ponta de leste – a ponta que fica aqui fora – e a gente vai matando bonito e pode ser que lá a gente encontre mais”. E realmente cheguei lá e encontrei mais. Eu já estava com uns 80 kg de peixe no barco. Mas eu já estava acostumado, nessa época de outubro, que dava essa água bonita, a ficar esperando o tubarão. E ali, nessas águas de fora, dava essa espécie de tubarão. O nome dele é anequim e ele ataca a gente. Mas eu estava acostumado a ficar esperando ele, porque ele é malandro. É tipo um homem malandro mesmo. E aí, de repente, ele vem correndo na mareta³⁵. Vinha a mareta crescendo e a gente já via ele de longe. A gente conhecia pela cor. Ele observou o barulho do motor do barco e diminui a velocidade dele. Mas como eu também já conheço ele, como já sei que ele vem de lado diminuindo a velocidade dele e passa malandro pelo barco, eu também diminuí a velocidade do motor do barco que ficou tique-tique-tique-tique devagarzinho enquanto eu me preparava. Eu apanhei um filé de um bonito porque ele gosta de sangue. Aí, botei aquele filé no anzol 610 – quanto maior é o número do anzol, menor ele é – então, peguei esse anzol 610 e o arame que usei era grosso. Era nylon número 180. Aí, eu amarrei a ponta no banco porque era pra prevenir. Eu já sabia o traquejo da pescaria. Então, amarrei e joguei a linha em cima da cara dele. Ai, ele fingia que não queria e afundava e eu acompanhava ele. Eu sei que persegui ele por uns 10 minutos e ele não queria minha isca. Aí, pensei assim, espera só um cadinho. Apanhei um bonito maior tirei só a espinha

³⁵ Mareta: onde pequena.



dorsal do peixe, cortei igual aos tentáculos do polvo e joguei na cara dele de novo. Olha só como ele é guloso! Ele ficou mansinho. A barriga dele é branca, aí, ele virou a barriga pra cima e olha só o que aconteceu. Ele imediatamente foi igual a um relâmpago. Ele pegou a isca e correu pra sombra do barco, por debaixo do barco. Eu não observei isso. Desliguei o motor e pensei “ah, se não pegar, a gente vai embora”, porque eu já estava com uns quilos de peixe. Então, parei o motor e deixei o barco atravessado. Mas tinha uma volta da linha, igual a um bodoque de índio, sabe? E tinha essa volta da linha e eu levei uns 10 minutos ali parado. Aí, eu resolvi puxar a linha, porque ele mordeu a isca e já estava lá na garganta dele. Aí eu puxei e ele estremeceu, porque naturalmente machucou ele. Eu pensei que ele era grande, mas era até pequeno. Parecia um peixinho pequeno. E eu estou vendo o traquejo dele. Aí, eu tirei aquela volta da linha que estava bamba e ele mexeu lá em baixo e eu mexi aqui em cima. Só sei que quando puxei aqui em cima, acho que machucou mais ainda a garganta dele e ele só fez assim piisssssss – fugiu veloz – meteu a cara. E o que faço eu? A linha tava aqui comigo e o resto desse nylon estava alinhado aí eu firmei o pé na borda do barco pra segurar ele e o barco chegou a arrebitar! Eu só sei que quando eu soltei um pouco a linha pra segurar melhor a linha debaixo, ele num embaraço se enfiou por debaixo da linha e acabou dando um nó no meu dedo. A linha acochou aqui no meu dedo e eu com uma faca no barco atrás de mim e um companheiro perto de mim e outro na proa. Eu até podia chamar eles pra me ajudar, mas o pescador é ganancioso, ele quer ser mais do que o outro. E como eu queria matar o peixe sozinho, eu fiquei quieto. Estava gemendo de dor, mas fingia que estava tudo bem. Mas aqui no dedo estava tudo apertado. Mas eu não chamei meus companheiros. Eles ficaram tudo olhando e eu nem dava confiança! Se eu quero matar o peixe eu tenho que dar meu jeito. Ele devia pesar uns 150 kg. Então, naquele dia, Deus me tomou em espírito.

Eu estava com o pressentimento que ele ia me carregar. Eu estava com um casaco, uma calça que a gente manda fazer pra vestir no mar e um chapéu parecido com esse aqui, mas maior. E eu cá comigo estava trabalhando ele, todo fissurado pra ver se eu me safava e matava ele. Mas se ele me carregasse, eu estava com toda calma. Graças a Deus, Deus estava ali no meu espírito. Então, eu pensei “se ele me carregar, eu vou ajudar, vou me entregar pra ele e vou enfiar a cabeça”.

E não aconteceu outra coisa...



Quando eu botei meu peito na borda, ele veio assim e me carregou. Aí, eu entreguei logo a cabeça. Ele me carregou assim pro fundo, mas numa velocidade! Eu não tinha um minuto de fôlego, mas, pelo poder de Deus, eu tive naquele dia uns dois ou três minutos de fôlego. Mas que velocidade feia! E meus colegas puxando a linha pra cima e enquanto eles puxavam, o anequim estava correndo. Eu só sei que quando os companheiros cá em cima firmaram a linha e eu senti aquela firmeza, eu olhei pra cima assim e só via o azulado do mar, nem via a sombra do barco, porque o barco já estava distante. Aí, quando senti um pouco de firmeza, me veio na cabeça a ideia de eu botar a linha no dente. Não botei a mão na faca, não. Moí, moí, moí, e o nylon queimou. Mas quando eu vim, eu vim igual a um boto. Não tinha mais nenhum fôlego. E quando eu cheguei, meus companheiros disseram assim “Dok, você afundou umas 80 braças³⁶”. Por isso que eu digo que eu nasci do ventre da minha mãe, mas naquele dia eu nasci de novo. Foi o maior milagre que eu tenho na minha vida. Ele podia ter voltado pra cima de mim, porque quando ele está ferrado, ele vem em cima da gente. E naquele dia, ele não veio, graças a Deus. E hoje, eu estou aqui. Tornei a pescar outra vez, continuei a matar mais tubarão e não fiquei com medo, não. Pescador tem que enfrentar, né?

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)

³⁶ Aproximadamente 176 m.



c. E caiu uma suestada!

Como pescador, eu aprendi muitas coisas no mar. O mar foi tudo de bom pra mim. Não tenho nada que me queixar do mar e a própria profissão foi me ensinando o que eu tinha que fazer. A gente apanha, mas vai aprendendo. Eu aprendi a qualidade de marés, qualidade de vento. Nem todo pescador sabe qualidade de vento. Eles pensam assim, é norte e sul, leste e oeste, mas não sabem que dentro dos quatro ventos tem outras posições de vento. Então, dentro desses quatro ventos, tem outros quatro ventos que vem pelo meio de um e de outro e os pescadores de hoje não sabem disso. Eles vivem às cegas. Porque eles pensam que tudo que vem daqui de baixo é sudoeste. Sudoeste? Sudoeste é manso, é um carneiro, traz água boa, traz peixe. E tem outra qualidade de água também de leste que só traz sujeira lá da barra do rio, uma água amarela ruim de beber. Mas graças a Deus eu fui um homem experiente dentro do mar e dentro de mim mesmo, eu me esforcei. Você quer ver? Olha só.

Eu tomava conta de um barco porque eu estava sem barco e um camarada meu me botou pra tomar conta de um barco grande dele. O motor chamava MWM 4 cilindros. O barco estava ruim e estava na oficina pra arrumar. Quando o barco saiu da oficina, ele deixou comigo pra eu tomar conta, até eu arrumar outro barco pra mim. E um dia eu fiz uma experiência ali por dentro das docas, eu fui até o canto da baleia, voltei e não aconteceu nada. Aí, eu pensei “é, o barco está bom!”. No mesmo domingo, então, eu disse pro meu filho Boniço “ó, vamos apanhar 20 pedras de gelo só, porque a gente vai sair pra pescar de madrugada”. Nós vamos pescando aqui e ali, parando. O mar é muito grande, mas tem pontos de pescaria, e eu ia pra um ponto chamado “marmelada”. Tinha a marmelada de fora e a marmelada de terra. Mas eu disse assim “ó, vamos botar 20 pedras de gelo e levar duas dúzias de ovos, 2 quilos de arroz e um pinguinho de farinha e uns temperozinho, né? Feijão, não precisa. É só uma comidazinha de araque pra gente voltar amanhã e a gente vem voltando lá de fora pescando, e quando a gente chegar na ponta do focinho, nós vamos clareando o dia. Nós saímos 3h, quando clarear o dia, nós vamos sondando, sondando e vamos parando o barco e pescando”.

Aí, botei o barco no rumo certo, porque pra chegar nesse tipo de lugar, no marmelada, quando eu estava em terra, eu tinha que botar o farol na direção da polpa e aí eu ia dar certinho lá. São 5h de viagem, mas porque eu fui sondando, parando, matei badejo, dourado, namorado... Eu sei que quando chegamos lá, já tinha 80 kg de peixe e o



mar tava calminho igual uma lagoa. Aí, nós viemos, eu mandei largar a âncora e de cá eu alcancei um barquinho que eu conhecia, chamado Rebadejo. Ele tava bem longe lá fora com os caícos³⁷ dele pescando.

Eu então mandei meu filho dar uma acelerada no motor e parar o motor. Ele acelerou e parou o motor perfeitinho e o mar continuava calminho. Pescamos peixes e tiramos um namoradinho assim pra gente fazer um pirãozinho. Depois fundeei o barco, porque eu era o responsável do barco e estava vendo o navio passar lá em baixo. Então, ficamos ali pra gente descansar pra ir pra terra no outro dia pescando e disse assim “ó, vocês vão descansar e eu fico tomando conta aqui, por causa dos navios”. E eles foram descansar.

A gente tem costume de colocar uma retinida³⁸ pro cação quando a gente fica com o barco assim. Ai, eu apanhei até um namoradozinho pequeno e botei ele inteiro, amarrei no trancão³⁹ e deixei ali e a linha por conta da maré. Os companheiros estavam dormindo. Tarde da noite, eu vi que um cação tinha mordido a isca, mas esperei o dia clarear pra botar ele pra cima. Quando o dia foi clareando, chamei eles, fizemos café, tomamos café, botamos o cação pra dentro de mais ou menos 60 ou 80 kg, matamos ele, e mandei Boniço virar o motor.

Rapaz... Quando ele apertou o botão, o motor enfumaçou e queimou... Aí, imediatamente, eu vi um barco assim meio retirado da gente e botamos logo um sinal no mastro. Mas você acredita que o barco não veio ajudar a gente?! Poxa vida!

Até mais ou menos meio dia o mar estava mansinho. E a gente não podia sair dali, né? Como é que eu ia sair sem máquina???! Eu não podia virar a máquina! Aí quando chegou ali umas 2h da tarde criou uma nuvem assim lá do sudoeste... e caiu uma suestada! O universo enfumaçou! Escureceu tudo, uma trovoadada danada e começou a chover... O mar encapelou e o barco botou âncora nas costas e fez isso sozinho! Mas era a maior onda do mar! Batia na proa do barco e cobria tudo e fazia assim “tuuuum” e passava por cima da capota assim. Aí, anoiteceu e eu me tranquei dentro da casa do comando e ficamos nós três lá dentro. Mas as nossas coisinhas de comer estavam tudo descoberto cá na popa do barco. Olha só, isso foi numa segunda feira que aconteceu e nós fomos caindo ao léu das águas. No dia seguinte, na 3ª feira à

³⁷ Caícos: pequeno bote.

³⁸ Retinida é o nome do cabo ou corda usado em embarcações e que é lançado para o cais (ou para outra embarcação) antes de atracar.

³⁹ Trancão é um tolete de madeira colocado na borda do barco utilizado para amarrar linha de pesca.



noite, o barco no escuro, só com a luz da navegação acesa, veio uma onda de mar que encobriu o barco todo e carregou toda nossa alimentação. Por sorte, eu salvei um galãozinho de água e um galãozinho de açúcar, porque a onda carregou tudo. E aí, eu falei assim “pessoal, graças a Deus, a nossa salvação está aqui. Nós não temos nada pra comer, então é um golezinho de água com açúcar até a gente encontrar socorro”, porque o pescador tem que ter experiência e a água e o açúcar alimentam a gente. E pior foi que o peixe veio a apodrecer e botei pra fora uns 80 quilos de peixe... Isso foi muito triste...

Chegava de dia, o mar ficava uma calmaria, sem nada, mas quando chegava 2h da tarde, o tempo caía e o mar encapelava. E nós ficamos lá 5 dias sem comer direito até sábado. No início, a gente tinha um pirãozinho, mas depois só água com açúcar. Os meus dois companheiros estavam bem tristes. Eu que estava animando eles e estava pedindo a Deus um socorro.

De noite, quando a brisa estava passando, a gente só via aqueles barcos grandões e a gente passava por eles, mas não adiantava de nada chamar porque era de noite, eles estavam ancorados por causa do tempo e nós ficamos lá ao léu no meio do mar, só indo pra fora. Chegou um momento que a gente não via nem um navio mais passar de tão pra fora que a gente tava.

Quando chegou no sábado, de tarde, o vento acalmou e o mar também. E o meu filho disse assim “papai, aqui assim-assim tem um barco lá em baixo”. E de fato, tinha um barco bem distante e nós fizemos sinal, mas nada do barco ver a gente. Ainda vi ele dar um sinal de fogo e pensei dele chegar perto de nós, mas que nada, ele foi pra fora e não veio atender nós... E nós continuamos ali se alimentando só com água e açúcar... Meu filho já estava bem fraquinho e os dois estavam bem tristes... Eu estava sempre mais reforçado por causa da experiência, né? E dizia pra eles “pode deixar, meu filho, que o socorro vem pra nós”.

Mas a bateria que estava só descarregando, no sábado, quando chegou na hora de acender a luz de navegação, não acendeu, porque acabou a carga da bateria. Fiquei no escuro. Mas, como nós temos experiência, eu lembrei que tinha uma lata vazia lá na casa de máquina e eu disse assim “vou apanhar essa lata aqui, pegar um pedacinho de camisa e a gente faz um fogacho⁴⁰”. Botei, então, meia lata de óleo, cheguei na popa do barco, amarrei e quando chegou de noite eu acendi.

⁴⁰ Fogacho: chama ou labareda pequena.



Aí, fez aquela labareda e falei assim “ó, o sinal é esse aqui, se vier barco por esse lado, ele vai ver que a gente está quebrado, porque ele vai ver esse sinal!”. E realmente, depois que o dia amanheceu, veio um barco chamado Carimar. Era um barco verde e grande, igual a um navio. Ele vinha acabando com tudo e tinha mais de 30 tripulantes. Aí, ele parou e vieram assim 3 portugueses, a bordo do comando e um gritou assim “o que está havendo aí?” e nós respondemos “estamos quebrado”. Eles falaram “tem comida?” e a gente, “nada, está ruim aqui”. E o português gritou assim “perai!”, e mandou um cadinho de café e biscoito e pensei “nossa, um reforço pra nós!”. Depois, ele mandou um motorista dele pra ver nosso motor e o rapaz gritou lá pro barco deles “ó, o motor de arranque deles está queimado”. Nisso, o mestre disse assim, “olha, vocês fiquem aí, que eu vou lá na Baía de Campos, se eu matar peixe lá, eu não venho por aqui não, mas se eu não encontrar peixe, 2ª feira eu volto pra pegar vocês aqui e levar pro Arraial”. Isso já era domingo, a gente já estava no mar desde a outra 2ª feira... E o português continuou assim “esse barco aqui pela popa de vocês é o Tricampeão. Eu já comuniquei com eles pelo rádio e 4ª feira ele vai levar vocês pro Rio se vocês ainda estiverem aí” e aí pensei “agora estamos perdido mesmo, porque ao chegar no Rio a gente vai ser preso pela capitania no cais e vai prender o barco também...”. E antes de sair o português ainda falou assim “aqui por fora de vocês, vocês não estão vendo, não, mas o barco Tricampeão vai dar almoço pra vocês e logo mais à noite os barcos vão chegar e ficar tudo aqui ao redor de vocês protegendo vocês, até vocês saírem daí”.

Olha, por sorte eles não encontraram peixe lá em Campos e, na 2ª feira, veio aquele barcão lá de fora. Ele vinha com tudo. Chegou lá, a gente não podia puxar a âncora porque na força da mão a gente não ia conseguir... É muito pesado... Aí, eles mandaram jogar o cabo pra eles e eles puxaram nossa âncora e rebocou a gente. Nós saímos de lá 8h da manhã e só chegamos aqui às 5h da tarde. No meio da viagem, o mestre ainda diminuiu a velocidade um pouco, porque o Carimar andava muito e nosso barco estava já estalando. Então, pra não estourar nosso barco, ele diminuiu.

E quando nós chegamos aqui no cais, estava tudo em festa. Todo mundo estava esperando a gente. Até o dono do barco, porque nós passamos a semana toda perdidos no mar e quando nós chegamos tinha muita gente esperando por nós.

(Entrevista com S. Dok, no dia 10.01.12)





Vigia Zezé na Graçainha, Prainha,
e Canoa Princesa, 2011 – RMF

Limpendo bonito, 2011 – RMF



7 Refletindo sobre pescadores, seus saberes, textos e identidades

O saber científico não pode saber e fazer saber que ele é o verdadeiro saber sem recorrer a outro saber, o relato, que é para ele o não saber, sem o que é obrigado a se pressupor a si mesmo e cai assim no que ele condena, a petição de princípio, o preconceito.

(Jean-François Lyotard)

O presente texto tentou reunir relatos e histórias de alguns pescadores da cidade de Arraial do Cabo e buscar o estabelecimento de diálogo entre alguns saberes populares e formais. Nesse processo, entretanto, pudemos também perceber alguns traços identitários dos pescadores de Arraial do Cabo.⁴¹ Destaco que esses traços foram observados por meio de narrativas construídas, a partir de determinados pontos de vista, o que implica um caráter local e provisório de todas as considerações aqui propostas, até porque **não** é nosso interesse estabelecer generalizações sobre todos os pescadores da cidade. Alguns desses traços, porém, dialogavam com o que é comumente citado na bibliografia sobre pescadores, como, por exemplo, sua definição como um sujeito responsável, artesanal e rústico, nato da localidade, conhecedor e observador da natureza, clarividente, intuitivo, perceptivo e respeitado no trato social (Linsker e Tassara, 2005; Callou, 2010; Silva, 2010; Ferreira, 2012).

⁴¹ As reflexões sobre traços identitários nas narrativas de pescadores foi um dos objetivos da pesquisa “Histórias de vidas de pescadores: memórias, identidade social e patrimônio cultural”.



Alberti (2004, p. 46), contudo, ao discutir pesquisas e trabalhos sobre histórias pessoais e narrativas, alerta sobre a armadilha de se tomar um único grupo de entrevistas como resposta “definitiva e completa daquilo que aconteceu no passado”. Nesse sentido, é válido apontar que, algumas vezes, outros traços foram também observados na construção das identidades de outros pescadores (os mais contemporâneos). Nesse caso, a caracterização é feita não mais de forma enaltecida desse sujeito, mas, por vezes, de forma questionadora. Havia, portanto, certos pescadores que eram caracterizados de forma mais demeritória como sendo pessoas “sem conhecimento de pesca no mar” ou mesmo “não nativos” do município (Ferreira, 2012).

A observação de que as identidades dos pescadores são construídas de diferentes maneiras por eles mesmos, entretidas em suas histórias e saberes, mostra-nos não somente as múltiplas redes sociais que indicam e legitimam *quem pode falar em nome de uma dada atividade ou de um dado grupo social*⁴², como também ratifica *per se* o argumento central de que *não há uma única identidade social e nem, portanto, uma identidade homogênea ou essencial de pescador* (Moita Lopes, 2002; Cavalcanti, 2008), porque são muitas as vozes, histórias, experiências, perspectivas e relações sociais que se entrelaçam e são entextualizadas pelos próprios pescadores em seus relatos e discursos (Bakhtin, 1929; Blommaert, 2005; 2010; Briggs, 2007). Não há uma única identidade ou voz do pescador cabista, mas uma rede de identidades, saberes e vozes que se entrelaçam na história de cada um.

Outra importante consideração a ser feita diz respeito à maneira como essas histórias e saberes foram entretidos no presente texto.

⁴² Essa ideia remete ao conceito de *ordem do discurso* do filósofo Michel Foucault (1971/2003). Segundo Foucault (1971/2003), ordens do discurso envolvem um conjunto de condições e procedimentos que controlam a participação das pessoas nas redes discursivas. Essas condições ou procedimentos delimitam, por exemplo, quem pode falar sobre um dado conhecimento ou área do saber, quais conhecimentos são considerados válidos ou legitimados e quais não o são, quais assuntos ou discursos devem ser falados e quais devem ser silenciados. Lindstrom (1992, p. 103), contudo, lembra que as ordens do discurso “não são monolíticas. E mesmo dentro das culturas mais hegemônicas, existem possibilidades de contradiscursos. (...) Embora contexto/cultura/ordens do discurso determinem amplamente os limites sobre o que pode ser falado, as pessoas, na interação, encontram espaço para negociar e resistir”.



Conforme falado no início desse material, estamos sempre citando, recuperando, comentando ou ressignificando textos de outras pessoas em nossas falas cotidianas. Esse processo de entretecer nossa fala com as palavras dos outros é identificado como *intertextualidade* (Bakhtin, 1929/92). Assim, dizemos que a intertextualidade implica reconhecer o eco de outras vozes sociais em nossa própria fala/ discurso. Analisar essa tessitura textual que fazemos apenas pelo prisma da intertextualidade pode soar um pouco superficial. Desse modo, aliado ao processo de intertextualidade, temos outro importante processo chamado de *entextualização* (Bauman e Briggs, 1990; Blommaert, 2005; Briggs, 2007), que implica entender como essas palavras (ou discursos) foram citados/recuperados, por quem, quando, em que lugar e com qual finalidade. Ou seja, a *entextualização complexifica a ideia de que as palavras têm histórias e que estamos sempre ecoando vozes e discursos alheios*.

No presente registro, os textos e histórias orais dos pescadores foram “recortados” de seus contextos originais, a partir do momento em que foram gravados em áudio e trazidos por mim e Ronaldo para os laboratórios de informática, onde fizemos as transcrições. As transcrições, por sua vez, não totalizaram todas as 27h de gravação em áudio, mas apenas trechos que entendemos que seriam pertinentes e interessantes para a presente proposta. Ou seja, selecionamos e recortamos mais uma vez os textos orais que tínhamos conosco. Sobre as transcrições, é importante dizer que não tivemos a intenção de “replicar” tal e qual a fala do pescador ou mesmo de espelhar o momento da entrevista no texto escrito. Isso porque não foi nossa intenção “fazer um retrato escrito do que foi o texto oral” buscando espelhar de forma idêntica, por exemplo, entonações, hesitações, ênfases, pausas, risos, etc. (Garcez, 2002; Schnack, Pisoni e Ostermann, 2005). Nossa intenção foi registrar histórias e saberes de um grupo de pescadores antigos e tradicionais de Arraial do Cabo, com o seu próprio vocabulário e a partir de suas perspectivas, para entender como eles constroem suas identidades sociais de pescadores artesanais nas histórias e saberes que contam e registrar esses saberes em um material impresso que pudesse ser lido e citado dentro da escola. Foi então que decidimos por fazer um livreto que



pudesse compor o acervo da biblioteca do *campus* e pudesse ilustrar algumas aulas ou atividades escolares⁴³.

Uma vez que a escola é historicamente regida pela presença do texto escrito e que esse texto escrito é marcado pelo uso da variante conhecida como norma culta (Bauman e Briggs, 2003; Pereira, 2010), vimos em nossa ação o desafio de retextualizar⁴⁴ (Marchuschi, 2000) os textos orais dos pescadores.

Conforme falado anteriormente, não é nossa intenção estabelecer hierarquias de importância entre o texto oral e o texto escrito. Mas sabedores de alguns preconceitos existentes frente a alguns registros orais (Bagno, 2003) e dos cuidados necessários com publicações utilizadas em sala de aula, optamos por fazer essa retextualização dos textos orais⁴⁵.

⁴³ É importante destacar também que entendemos que *nenhuma produção de conhecimento* é um processo neutro, desinteressado política e ideologicamente. Conforme muitos dos autores aqui citados, estamos cientes do nosso engajamento político e ideológico na pesquisa e na produção do presente material.

⁴⁴ Acerca da relação entre texto oral e texto escrito, Marchuschi discute em seu livro que “fala e escrita *não* são dois modos qualitativamente diversos de conhecer ou dar a conhecer. A escrita não acrescenta massa cinzenta ao indivíduo que a domina bem como o não domínio da escrita não é evidência de menor competência cognitiva” (Marchuschi, 2000, p. 47). Nesse sentido, a retextualização pode ser entendida como uma “tradução” de dado conteúdo da modalidade oral para a escrita, ou vice-versa, realizada sempre que necessitamos atravessar as “fronteiras entre essas modalidades”. Segundo o mesmo autor, “atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas, que se apresentam como ações aparentemente não problemáticas, já que lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos” (Marchuschi, 2000, p. 48).

⁴⁵ Em 2011, tivemos um exemplo bem ilustrativo desse tipo de preconceito social/discursivo, envolvendo o contexto escolar. O livro “Por uma Vida Melhor”, adotado pelo MEC e distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático para ser utilizado com turmas da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), recebeu sérias críticas da mídia e sociedade pelo capítulo “Escrever é diferente de falar” que trazia exemplos da modalidade oral para ensinar a norma culta no quesito concordância nominal/verbal. O capítulo tinha como objetivo trazer outras variantes linguísticas (além da norma culta) e discutir que diferentes situações e propósitos comunicativos podem demandar diferentes variantes e, a partir desta reflexão, trabalhar a variante padrão. Aparentemente, as críticas feitas ao livro estariam se mobilizando em prol da valorização da “norma culta”. Contudo, para muitos estudiosos, o que estava em questão era o fato de se ter exemplos do registro oral, tipicamente associados a grupos não escolarizados, escritos em livros usados como referência curricular na escola. Esse capítulo/livro foi considerado um absurdo por muitos “letrados”, porque esses registros orais eram considerados “erros grosseiros de pessoas que não sabem falar”. Curiosamente, o que ninguém admitiu na ocasião é que, na modalidade oral, todos nós fugimos (muitas ou poucas vezes) às regras de concordância, porém, só ficam apontados socialmente como “erros



Essa retextualização, contudo, implicou basicamente pequenas mudanças na escrita de algumas palavras (não ecoando, por exemplo, a pronúncia feita), ou acréscimo de pontuação. De modo geral, procuramos preservar o vocabulário, as referências, os significados e as ideias propostas pelos pescadores.

Acerca da retextualização e dos processos de mudança feitos nos textos, o sociolinguista Blommaert faz algumas reflexões que considero importante destacar aqui. Em seu livro “A sociolinguística da globalização”, ele discute o fato de que “você é (ou se torna) o que você fala e falar o que você fala (misteriosamente) transforma você naquilo que é sugerido pelo seu discurso” (Blommaert, 2010, p. 55), destacando a forte ligação entre língua (ou variante linguística) e identidade social. Essa estreita ligação é importante porque aponta justamente para existência de alguns preconceitos com relação a determinadas modalidades linguísticas e, por conseguinte, aos sujeitos sociais que usam essas modalidades.

Acerca dessa estreita ligação, em outro momento, ele problematiza as mudanças feitas nos textos ao propor que, em determinadas práticas sociais escritas, “os erros dos discursos das pessoas que não têm acesso a variantes de alto padrão são geralmente editados e corrigidos e com isso desaparecem os índices de estrutura social e desigualdade como identidade para essas pessoas” (Blommaert, 2005, p. 61).

Frente a essas reflexões, é importante dizer que, quando entextualizei no presente material os saberes e histórias dos pescadores, fiz algumas modificações na estrutura/forma do texto oral⁴⁶. Isso implica observar

grossieiros” os usos feitos pelos grupos sociais discriminados (geralmente, os pobres e não escolarizados). Segundo Bagno (2003, p. 29) “na fala de um membro da elite letrada, esses erros são algo assim como ‘descuidos’ ou ‘lapsos’, (...) Essa mesma condescendência, no entanto, não é usada para classificar a fala dos cidadãos menos letrados”. Isso porque o preconceito social (de gênero, classe social, raça), além de ser discursivamente construído, estaria sendo reforçado pela ideologia de existir uma única variante linguística que deve ser usada e legitimada como correta em todos os contextos, modalidades e situações (Bagno, 2003). Cabe lembrar que a discussão sobre o uso de variedades linguísticas é mais ampla e complexa do que os pontos aqui citados, mas, por não ser esse o foco da presente publicação, não me aprofundarei em outras considerações sobre o assunto.

⁴⁶ Cabe destacar que o que foi modificado foram algumas marcas da oralidade que passaram a ser apresentadas com características do discurso escrito, assim como acréscimo de marcas de



uma relação de poder entre pesquisador/professor e o pesquisado/pes-
 cador (Briggs, 2007). Estudiosos das relações entre língua e sociedade
 nos lembram de que as relações de poder permeiam todas as interações
 sociais (Foucault, 1988/2011; Blommaert, 2005; 2010). Mas, de acordo
 com a visão aqui adotada, baseada em Michel Foucault, toda e qualquer
 relação de poder não é entendida de maneira fixa, estática ou imutável.
 Mais ainda, as relações de poder não possuem um “único centro” de
 onde todo o poder emanaria, de forma que o poder não se encontraria
 relacionado apenas às instituições, ou à escola, no presente caso, como
 se pode, por vezes, pensar. Nessa perspectiva, tampouco seria o poder
 algo a ser tomado ou possuído por um grupo considerado dominado
 pelo poder, porque não existem dominados X dominantes entendidos
 de forma fixa e estática. As relações de poder são sempre um exercício,
 uma estratégia multifacetada que atravessa todas as microrelações sociais
 do cotidiano. Tais relações são instáveis e mutáveis, dependendo de quais
 conhecimentos/saberes e identidades/subjetividades estão em jogo em
 determinada interação e contexto social. Foucault ressalta que, ao ana-
 lizar os jogos de poder, devemos prestar atenção a uma multiplicidade
 de correlações de força; um jogo que as transforma, reforça ou inverte
 (Foucault, 1988/2011, p. 102). E nessas relações de poder, não somente
 conhecimentos/saberes são construídos, mas também o são subjetivida-
 des e identidades sociais. Essas subjetividades não se referem somente
 aos sujeitos pesquisados, mas também ao sujeito pesquisador, pois sem-
 pre que construo discursivamente a identidade do Outro, ou sempre
 que falo algo sobre o Outro, estou sincronicamente construindo discursi-
 vamente a minha identidade social. Nesse sentido, o teórico cultural
 Couze Venn lembra que “toda subjetividade existe em relação a outro
 ou a outros, ou seja, toda subjetividade está intrincada em uma teia
 intersubjetiva” (Venn, 2000, p. 42). A complexa e dialógica relação Eu-

pontuação. Nesse sentido, concordamos com Garcez (2002, p. 84-85) quando afirma que a
 transcrição por si só já é parte do trabalho analítico de um pesquisador, uma vez que é seletiva
 e nunca é “perfeita”. Assim, os trechos aqui apresentados (artefatos discursivos *in vitro*) não
 têm a pretensão de ser um espelhamento direto do que ocorreu nas entrevistas (*in vivo*)
 (Blommaert, 2005, p. 55). Porém, houve algum cuidado para preservar palavras usadas pelos
 pescadores e suas perspectivas nos seus saberes (Schnack, Pisoni e Ostermann, 2005).



Outro, sempre costurada em relações de diferença e de poder, tem crucial importância para o entendimento de qualquer fenômeno social e para análise de toda produção de conhecimento (Foucault, 1988/2011; Venn, 2000; Moita Lopes, 2002) e pode ser estendida para compreensão da relação entre conhecimento formal (dos *experts*) e conhecimento informal (dos leigos ou conhecimento construído como “subalterno”).

Inúmeros estudiosos já discutiram essa relação e é fato que não existem respostas simples para essas questões. No intuito de tentar minar essas dicotomias (teoria X prática, expert X leigo), alguns teóricos, dentre os quais destaco Walter Mignolo, sugerem a construção de uma “gnose liminar”⁴⁷ que se constrói “*em diálogo com a epistemologia a partir de saberes que foram subalternizados*” (Mignolo, 2000/2003, p. 34). Nessa “epistemologia de fronteira”, então, seriam buscados a proximidade e o diálogo crítico entre as diferenças, sem nos esquecer, contudo, das relações de poder que permeiam todas as interações sociais.

Nesse sentido, no presente caso em que foi buscado o diálogo entre saberes científicos e leigos, vale lembrar que, se por um lado, eu, como professora e pesquisadora, estive em uma situação de “maior empoderamento”, porque descontextualizei e recontextualizei os discursos dos pescadores no presente material (Briggs, 2007) e por isso poderia ter minha identidade social identificada *apenas* com a de um “*expert*” ou com os saberes escolares (que normalmente são os legitimados ou valorizados), durante o processo de pesquisa e entrevistas, o meu interesse

⁴⁷ De acordo com Mignolo (2000/2003), haveria uma diferença entre dois tipos de saberes: *doxa*, que seria o conhecimento do âmbito da opinião ou do leigo e a *episteme*, que seria o conhecimento verdadeiro ou o conhecimento científico (Mignolo, 2000/2003, p. 31). Posteriormente, por ocasião do Iluminismo, essa diferença foi associada à dicotomia estabelecida entre epistemologia (que envolveria os conhecimentos naturais e racionais) e hermenêutica (que envolveria os conhecimentos interpretativos ou subjetivos). Essa distinção, muitas vezes também relacionada a questões de neutralidade e imparcialidade na produção do conhecimento, já caiu por terra há anos (Venn, 2000; Mignolo, 2000/2003; Bauman e Briggs, 2003). No intuito de problematizar essas distinções é que Mignolo (2000/2003, p. 33) propõe que “a gnosilogia liminar é uma reflexão crítica sobre a produção do conhecimento, a partir das margens (...)”. Ainda segundo esse autor, “nossos objetivos não são a salvação, mas a descolonização e a transformação da rigidez de *fronteiras* epistêmicas e territoriais estabelecidas e controladas pela colonialidade do poder, durante o processo de construção do sistema mundial colonial/moderno” (Mignolo, 2000/2003, p. 35).



em aprender os saberes dos pescadores em nossas conversas e interações, construía-nos em novas bases. Ou seja, durante as entrevistas, eu era a aprendiz dos saberes empíricos e populares dos pescadores e essa observação fora marcada diversas vezes em nossas falas e discursos, quando eu lhes perguntava sobre alguma expressão ou prática que eu desconhecia, ou quando eles marcavam, em seu discurso, que tinham certeza do que falavam porque eram pescadores e tinham aprendido tudo o que sabiam no seu fazer cotidiano (ou oralmente com seus antepassados) e que, por isso, a teoria (associada à minha identidade) muitas vezes tinha menor importância em relação à prática. Mais ainda, cabe destacar que quando trouxemos esses saberes empíricos para dialogar com os ditos saberes formais, as identidades sociais de pescadores e pesquisador/professor, e os saberes associados a essas identidades, passaram a ser entendidos não mais de forma distante e isolada, em extremos opostos, mas podendo estar próximos um do outro e em diálogo.

Destaco essas considerações porque o reconhecimento de que mudanças foram feitas na estrutura/forma dos textos orais dos pescadores e que relações assimétricas foram construídas entre pesquisador e pesquisado (Briggs, 2007) pode, à primeira vista, parecer *apenas* como uma consequência negativa do trabalho aqui realizado. Mas se entendemos que essas mudanças foram orientadas por preocupações éticas e sociais, que as transcrições e entextualizações não têm a pretensão de serem idênticas ao ocorrido na “interação original” (Garcez, 2002; Briggs, 2007), que relações de poder estão presentes em toda e qualquer interação social, explícitas em maior ou menor grau, mas que essas relações são instáveis e que novas subjetividades/identidades foram construídas nesse processo com a intenção de promover o diálogo entre saberes e a tentativa de gerar uma “gnose liminar” (Mignolo, 2000/2003), “conhecimentos INdisciplinares” (Moita Lopes, 2006) ou “teorias transgressivas” (Pennycook, 2006), podemos perceber também ganhos éticos e epistemológicos para a presente produção de saber.

Essa postura crítico-reflexiva ao próprio trabalho é de suma importância porque estamos sempre engajados política e ideologicamente em qualquer ação social, pesquisa e produção de conhecimento (Pennycook, 2006). Contudo, a reflexão crítica aqui esboçada não esgota as possibi-



lidades de outras críticas ou reflexões, acerca do presente trabalho, que ainda poderão ser levantadas. Não obstante, ratifico a existência de ganhos epistêmicos e éticos na presente empreitada, marcados na tomada da voz do pescador como ponto de partida ou na ilustração com fotos e explicação de muitos de seus termos, instrumentos e práticas no diálogo com outros saberes. Antes de concluir, gostaria de salientar, ainda, que um projeto que vise construir “saberes fronteiriços”, que busque romper com o modo tradicional de pensar o conhecimento ou a forma como ele é construído (Mignolo, 2000/2003; Pennycook, 2006) e vise aproximar saberes, campos e esferas de ação como os propostos aqui, muitas vezes tidos como opostos ou inconciliáveis, implica maiores esforços interdisciplinares e maior investimento de tempo de pesquisa envolvendo vozes de mais pescadores/as. *Essa tarefa é muito audaciosa e tenho clareza da brevidade da ação realizada até o presente momento.*

Algumas reflexões, contudo, já podem ser levantadas: embora reconheça as diferentes profundidades entre alguns dos saberes aqui levantados, cabe perguntar se os saberes científicos e leigos “precisam realmente” ser mantidos de forma inconciliável. Por que os saberes leigos por vezes são considerados apenas superstição ou folclore? Ou, ainda, entre os próprios pescadores, por que alguns saberes são legitimados e valorizados e outros não? As discussões aqui levantadas, por exemplo, dizem respeito a uma parcela da geração mais antiga de pescadores do município. O que dizer, por exemplo, dos pescadores contemporâneos? Ou das pescadoras? Ou ainda dos assuntos e saberes não citados no presente trabalho (Ferreira, 2012)?

Essas questões se tornam cruciais porque pensar ganhos éticos na produção do conhecimento implica repensar o que estamos considerando como conhecimento sobre a pesca ou, como Louro (2008) aponta, a relação entre conhecimento X ignorância. Essa autora destaca a urgência de se “pôr em questão o que é conhecido e as formas como chegamos a conhecer determinadas coisas e a não conhecer (ou desconhecer) outras. (...) trata-se ainda, e fundamentalmente, de questionar sobre as condições que permitem (ou que impedem) o conhecimento” (Louro, 2008, p. 65). Desse modo, para Sedwick (1993 *apud* Louro, 2008, p. 68), deve-se pensar a “ignorância não como falha ou falta de conhe-



cimento, mas sim como resíduo de conhecimento, como efeito de um jeito de conhecer”, já que a ignorância seria um estado de ser-saber, composto por todos os outros saberes não legitimados. Reflexões sobre saberes legitimados (ou não) nos levam a questões de ordem do discurso (Foucault, 1971/2003), sobre o que pode ser pensado ou considerado conhecimento válido, por que e para quem. Frente a isso, novas questões podem ser levantadas: como entender as relações sociais, de poder e de saber construídas no discurso entre diferentes gerações de pescadores e ou entre pescadores e pescadoras? Como e por que um saber se constitui como legitimado e outro não? Como as identidades sociais desses sujeitos estão costuradas nessas construções e hierarquia de saberes (Ferreira, 2012)?

Ainda acerca das implicações éticas aqui envolvidas também é importante perguntar quem serão os sujeitos beneficiados com os saberes aqui produzidos⁴⁸. Nossa intenção fora aproximar alguns saberes escolares de outros empíricos. Acreditamos que poderão ser beneficiados todos os leitores que terão a chance de aprender, com os pescadores aqui citados, uma parcela de seus saberes e aprendizados. Dentre esses, destacamos os alunos do curso Técnico em Meio Ambiente, por meio de reflexões e discussões que poderão suscitar interesses em trabalhos e pesquisas, alunos dos cursos integrados do *campus* e os próprios pescadores e a comunidade interna e externa à escola que poderão vislumbrar novas possibilidades de diálogos. Sobre esse aspecto, Briggs (2007, p. 555) sugere que, embora o discurso ao ser construído pressuponha uma audiência prévia, ele não a delimita, de forma que “a própria circulação pública de formas culturais cria seu público”. Não podemos prever, portanto, quem será o nosso leitor ou de quais novas entextu-

⁴⁸ Cabe informar aqui que, com a verba conseguida para publicação desse material, conseguimos a impressão de 20 exemplares. Desses 20 exemplares, 6 serão presenteados aos pescadores que participaram da pesquisa realizada (S. Dok, S. Joaquim Torrada, S. Darcy, S. Quinca Però, S. Gamaliel e S. Reinaldo), 1 exemplar será reservado para mim e outros 2 para os bolsistas que atuaram comigo na ocasião da pesquisa, Ronaldo Fialho e Raphael Furtado. Os 11 exemplares restantes passarão a compor o acervo bibliográfico do *campus* Avançado Arraial do Cabo.



alizações esse material fará parte, mas ratificamos nosso interesse, compromisso e satisfação em ser e tomar parte do diálogo.

Como consequência desses possíveis desdobramentos e observações, o próprio texto foi construído entretecendo, nessa rede de saberes, seções mais leves com outras mais densas teoricamente. Tenho clareza, contudo, de que o recorte de saberes aqui apresentado ainda é bastante pequeno e não pretende esgotar todos os saberes dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo. Mas também considero esse breve recorte o pontapé inicial para um projeto de natureza inter/trans/INdisciplinar (Mignolo, 2000/2003; Moita Lopes, 2006; Pennycook, 2006) que promova mais diálogos e pesquisas sobre essa temática.

Como Linguísta Aplicada interessada nas relações entre linguagem e sociedade e na construção de saberes fronteiriços, ratifico, então, o convite aos demais professores e pesquisadores do *campus* para se aliarem conosco nessa empreitada e juntos buscarmos a construção de mais pontes e diálogos, ao invés de perpetuar fronteiras e limites para saberes e subjetividades/identidades. Mais ainda, destaco a necessidade de ouvir outras vozes de outros pescadores, como os contemporâneos e as mulheres pescadoras, que também participam dessas práticas sociais e das construções dessas redes de saberes e identidades. Atualmente, temos um projeto de pesquisa, em andamento, financiado pelo IFRJ, sobre as identidades sociais das pescadoras da localidade⁴⁹. São sobre essas novas possibilidades de diálogos e subjetividades que estamos interessados em continuar a investir nosso tempo e olhar.

Maria Aparecida

⁴⁹ Registro, aqui, meus sinceros agradecimentos a D. Socorro, pescadora entrevistada até a ocasião da organização do presente material, cujo corrico foi fotografado e ilustrou nosso texto.





Bibliografia

- ALBERTI, V. (2004) **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro. FGV editora.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). (1929/92) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Versão utilizada: tradução. Hucitec.
- BAGNO, M. (2003) Prólogo: Mídia, preconceito e revolução. In.: ---. **A norma oculta – língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAUMAN, R. & BRIGGS, C. L. (1990) Poetics and Performance as critical perspectives on language and social life. **American Review of Anthropology**, 19: 59-88. Acessível em <http://www.jstor.org/stable/2155959>
- _____ (2003) **Voices of modernity – language, ideology and the politics of inequality**. New York: Cambridge University Press.
- BEGOSSI, A. LOPES, P. F. OLIVEIRA, L. E. C. de e NAKANO, h. (2009) **Ecológia de pescadores artesanais da Baía da Ilha Grande**. Associação para pesca, diversidade e segurança alimentar (FIFO) 259 p. Acessado em http://umanitoba.ca/institutes/natural_resources/Brazil/brazilpdf/BrazilBegossietal.pdf
- BERNARDES, L. M. C. e BERNARDES, N. (1950) A pesca no litoral do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 17-50.
- BLOMMAERT, J. (2005). **Discourse: key topics in Sociolinguistics**. Cambridge University Press.
- _____ (2010) A messy new marketplace In:---. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge University Press, pp. 28-62.
- BRIGGS, C. L. (2007) Anthropology, Interviewing, and Communicability in Contemporary Society. **Current Anthropology** Volume 48, No. 4, p. 551-579.
- BRITTO, R. C. de C. (1999) **Modernidade e Tradição – construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo/ RJ**. Niterói: EdUFF.
- CALLOU, A. B. F. (2010) Povos do mar: herança sociocultural e perspectivas no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 62, p. 45-48.
- CAVALCANTI, D. R. M. (2008) Entre a casa e a pesca: discutindo gênero e pesca feminina no litoral Paraibano. **Fazendo gênero 8: corpo, violência e poder**. Florianópolis. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST64/Diego_Rocha_Medeiros_Cavalcanti_64.pdf
- CAVALCANTI, V. M. M. (2011) **Plataforma continental – a última fronteira da mineração brasileira**. Brasília: DNPM. 104 p.



- CLAUZET, M., RAMIRES, M., BARRELLA, W. (2005) Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações Caiçaras (enseada do Mar Virado e Barra do Uma) no litoral de São Paulo, Brasil. **MultiCiência: a Linguagem da Ciência**, n. 4, maio de 2005. Disponível em: http://www.multiciencia.unicamp.br/artigos_04/rede_01_.pdf
- FERREIRA, M. A. G. (2012) “Eu tirava conclusão de uma nuvem pra outra”: uma reflexão sobre histórias, saberes e culturas da pesca artesanal em Arraial do Cabo. **Revista História Oral – Dossiê: “História, Natureza, Cultura e Oralidade”**. Vol. 1, n. 15, p. 9-34. jan-jun. 2012. Disponível em <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=240&path%5B%5D=275>
- FOUCAULT, M. (1971/2003) **A ordem do discurso**. Edições Loyola.
- _____. (1988/2011) **Historia da Sexualidade. Vol 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal.
- GARCEZ, P. M. (2002) Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: MOITA LOPES, L. P. e BASTOS, L. C. (Orgs.) **Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, p.83-95.
- LINDSTROM, L. (1992) Context contests: debatable truth statements on Tanna (Vanuatu). In.: DURANTI, A.; GOODWIN, C. **Rethinking context: language as an interactional phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press.
- LINSKER, R. e TASSARA, H. (2005) **O mar é uma outra terra**. São Paulo. Terra Virgem.
- LOUREIRO, J. (2005) **Humano Mar – Pescador, sua arte, sua vida**. Livro e Documentário. Abaeté Estudos Socioambientais. Ecology and Environment do Brasil.
- LOURO, G. L. (2008) **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica.
- MARINS, R. V. (Org.) (2010) **Glossário de oceanografia abiótica**. Fortaleza: UFC/LABOMAR/NAVE.
- MARCHUSCHI, L. A. (2000) **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez.
- _____. (2008) **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial.
- MIGNOLO, W. D. (2000/2003) **Histórias Locais / Projetos Globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- MIGUENS, (1993) Instrumentos Náuticos. In: ---. **Navegação: a ciência e a arte. Vol. 1. Navegação costeira estimada e em águas restritas**. PP. 275-317.
- MOITA LOPES, L. P. da. (2002) **Identidades fragmentadas. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola**. Campinas: Mercado de Letras.
- _____. (2006) Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematizando os construtos que têm orientado a pesquisa. In.: --- (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo. Parábola.



- PATAI, D. (2010) Construindo um Eu: uma história oral de mulheres brasileiras. In: **História Oral, Feminismo e Política**. São Paulo: Letra e Voz.
- PENNYCOOK, A (2006) Para uma Linguística Aplicada transgressiva. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo. Parábola.
- PEREIRA, W. L. C. de M. (2010) Vagas da modernidade: a Companhia Nacional de Álcalis em Arraial do Cabo (1943-964). In: **Estudos História, Rio de Janeiro**, vol. 23, nº 46, pp. 321-343.
- ROSSETTI, D. de F. (2008) Ambientes Costeiros. In.: FLORENZANO, T. G. (Org). **Geomorfologia: conceitos e tecnologias atuais**. São Paulo: Oficina de Textos. PP. 247-284.
- SANT'ANNA, A. R. (2011) Contação de história: vida e realidade. In.: PIETRO, B. (Org.). **Contadores de história – um exercício para muitas vozes**. Rio de Janeiro.
- SCHNACK, C. M.; PISONI, T. D.; OSTERMAN, A. C. (2005) Transcrição da fala: do evento real à representação da escrita. **Revista Entrelinhas**, Ano II, no. 2, maio/agosto. Acessível em <http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=12>
- SILVA, G. D. da (2010) **Pescar, catar e debulhar: “os saberes” da pesca artesanal em comunidades tradicionais da RESEX Acau – PB/ Goiania – PE**. Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.
- SOMESB (2007) **Biologia Marinha**. Faculdade de Tecnologia e Ciências.
- SUGUIO, K. (2003) Ambientes de sedimentação e fácies sedimentares. In.: ---. **Geologia sedimentar**. São Paulo. Ed. Blucher, PP. 205-288.
- TAIT, F. A. e DIPPER, R. V. (1968/2004) Introduction. In: **Elements of Marine Ecology**. Butterworth Heinemann.
- TERRA, L., ARAÚJO, R. e GUIMARÃES, R. B. (2010) **Conexões: estudos de geografia geral do Brasil**. SP: Moderna.
- TORRES, F. T. P. e MACHADO, P. J. de O. (2011) Principais elementos do clima. In: ---. **Introdução à climatologia: Textos básicos de Geografia**. Ed. Cengage Learning.
- VENN, C. (2000) Remembering Modernity. In.: **Occidentalism. Modernity and Subjectivity**. Londres. SAGE.
- WORCMAN, K. e PEREIRA, J. V. (2006) **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC SP. Museu da Pessoa.

Websites também consultados para escrita da presente obra:

- <http://www.cptec.inpe.br/glossario.shtml#13>
- <http://www.ieapm.mar.mil.br/p&d/geologia/geologia.htm>
- <http://www.ebah.com.br/content/ABAAeuJwAI/depositos-plataforma-continental>
- <http://cantinodapesca.livreforum.com/t8-empatar-anzol-de-pata>
- <http://www.portalnikkei.com.br/nippak-pesca-anzois-parte-i/>



Mestres pescadores.
Em cima, da esquerda para direita,
Joaquim Torrada, Gamaliel e Dok.
Em baixo, da esquerda para direita,
Reinaldo, Quinca Però e Darcy - RMF



“O que separa o ser humano dos demais animais é o conhecimento.
Apenas o conhecimento liberta o homem.”
(Enéas Carneiro)



A **Editora UNA** oferece suporte editorial e gráfico de primeira qualidade para autores e empresas que atribuem para si a honrosa missão de enriquecer o mercado editorial brasileiro com produções de talentos da nossa terra. Visite nosso *site* e saiba mais sobre a produção de obras literárias independentes. Siga-nos, também, nas principais redes sociais e fique por dentro de nossas novidades e promoções.

Fale Conosco:

Rua da Quitanda, 19/703 – Centro
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20011-030
E-mail: contato@editorauna.com.br
Site: www.EditoraUNA.com.br

Em capitais e regiões metropolitanas, ligue sem DDD:
4062-0660 ramal 0852.
Nas demais regiões, use o DDD 41.

2004–2013

Editora UNA – União Nacional de Autores
Valorizando a Cultura Nacional

Descubra como publicar sua própria obra, visitando o nosso *site*:
www.EditoraUNA.com.br

Contra Capa



Maria Aparecida Gomes Ferreira é mestre e doutoranda do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ e professora do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro – IFRJ – *campus* Avançado Arraial do Cabo. Com grande interesse nos estudos sobre linguagem e sociedade, no momento, pesquisa a construção discursiva das identidades sociais e de saberes de pescadores e pescadoras da cidade de Arraial do Cabo.

Ronaldo Miranda Fialho é fotógrafo cultural de cenários, costumes e famílias tradicionais de Arraial do Cabo. Atualmente, é aluno do curso Técnico de Manutenção e Suporte em Informática Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro – IFRJ – *campus* Avançado Arraial do Cabo e bolsista PIBICT desde agosto de 2011.

Nas Redes de Saberes e Histórias é uma publicação financiada pela Pró-Reitoria de Extensão do IFRJ e um dos frutos da pesquisa “Histórias de vidas de pescadores: memórias, identidade social e patrimônio cultural”. Essa publicação visa registrar alguns saberes empíricos e histórias de vida de antigos pescadores de Arraial do Cabo, exaltando a voz desses sujeitos sociais. São propostas, ainda, a construção de “saberes fronteiriços” (Mignolo, 2000/2003; Moita Lopes, 2006) e discussões que possam complementar a formação e as reflexões dos nossos alunos.

ISBN 978-85-667-3800-1



9 788566 738001